

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciências Humanas
Licenciatura em História



Trabalho de Conclusão de Curso

**As representações da mulher no periódico *Semana
Ilustrada*. Rio de Janeiro, 1860/1861**

Bruna Aparecida Tomazi

Pelotas, 2021

Bruna Aparecida Tomazi

**As representações da mulher no periódico *Semana
Ilustrada*. Rio de Janeiro, 1860/1861**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Pelotas, 2021

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

T655r Tomazi, Bruna Aparecida

As representações da mulher no periódico semana ilustrada. Rio de Janeiro, 1860/1861 / Bruna Aparecida Tomazi ; Aristeu Elisandro Machado Lopes, orientadora. — Pelotas, 2022.

53 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) — Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2022.

1. Imprensa. 2. Rio de Janeiro. 3. Representações. 4. Mulheres. 5. Semana ilustrada. I. Lopes, Aristeu Elisandro Machado, orient. II. Título.

CDD : 305.4

Bruna Aparecida Tomazi

As representações da mulher no periódico *Semana Illustrada*. Rio de Janeiro,
1860/1861

Trabalho de Conclusão de Curso Licenciatura em História, como requisito parcial,
para obtenção do grau de Licenciada em História, Instituto de Ciências Humanas,
Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa:

Banca examinadora:

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes (UFPel-Orientador)
Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dra. Lorena Almeida Gill
Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Agradecimentos

Um agradecimento mais do que especial para meus pais, Pedro Tomazi e Maria Helena Tomazi, por todo o apoio e amparo durante todos esses anos de estudos, foi por causa deles que cheguei até o final do curso.

Agradeço também aos meus irmãos, que durante toda a faculdade me ajudaram e permaneceram ao meu lado, se preocupando e buscando me ajudar sempre que necessário.

Faço um agradecimento especial ao meu orientador, Aristeu, que acreditou na pesquisa e me ajudou a encontrar o caminho correto, corrigindo e orientando, sempre em busca do melhor.

Agradeço aos meus colegas Suelen e Lucas, pela parceria durante toda a graduação, foram muitas as vezes que compartilhamos textos e resumos nas tardes longas de estudos.

Resumo

TOMAZI, Bruna Aparecida. **As representações da mulher no periódico *Semana Ilustrada*. Rio de Janeiro, 1860/1861**. 2021. 53. Trabalho de Conclusão de Curso, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

Este Trabalho de Conclusão de Curso busca analisar o periódico *Semana Ilustrada*, criado e dirigido por Henrique Fleiuss, voltando a pesquisa e a análise para a representação da mulher em suas páginas. A revista circulou por 16 anos, de 1860 e 1876 e é considerada um empreendimento pioneiro quando nos referimos ao uso de imagens na imprensa. Com novas tecnologias e o apreço cada vez maior da população pelas imagens fez com que o periódico se destacasse e tivesse uma veiculação longa. Nesta pesquisa, busca-se fazer uma reflexão sobre as imagens e textos presentes no periódico *Semana Ilustrada* que fazem referência às mulheres e entender qual era a visão que essa publicação tinha sobre esse assunto, estando inserida no cotidiano da sociedade fluminense oitocentista da segunda metade do século XIX. O contexto em que a pesquisa se insere é de um momento de muitas mudanças que impactaram significativamente na vida das mulheres, com mudanças que lhes trariam mais liberdade quando o assunto era a possibilidade de sair de suas casas para participar de saraus, concertos e teatros, mas que no mesmo ponto, elas estariam mais vigiadas, agora por uma sociedade inteira.

Palavras-chaves: Imprensa; Rio de Janeiro; Representação; Mulheres; *Semana Ilustrada*

Abstract

TOMAZI, Bruna Aparecida. **Representations of the woman in the magazine *Semana Illustrada*. Rio de Janeiro, 1860/1861.** 2021. 53. Undergraduate thesis, Institute of Human Sciences, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2021.

This undergraduate thesis aims to analyze the magazine *Semana Illustrada*, created and managed by Henrique Fleiuss, focusing on the representation of women in its pages. The magazine circulated for 16 years (1860 – 1876) and is considered a pioneering undertaking when referring to images in the press. The journal stood out with new technologies and the population's growing appreciation for the images and had a long publication. In this research, we seek to reflect on the images and texts present in the *Semana Illustrada* magazine that refer to women and understand the vision this publication had on this subject, being inserted in the daily life of nineteenth-century Fluminense society in the second half of the nineteenth century. The context in which the research is inserted is a time of many changes that significantly impacted women's lives, with changes that would bring them more freedom when the subject was the possibility of leaving their homes to participate in soirees, concerts, and theaters. However, at the same point, they would be more watched now by an entire society.

Keywords: Press; Rio de Janeiro; representations; women; *Semana Illustrada*

Lista de Figuras

Figura 1	Capa da primeira edição	2
Figura 2	Como são hoje os maridos.....	36
Figura 3	Casei-me porque quis.....	40
Figura 4	Exposição Nacional	43
Figura 5	Gêneros Alimentícios.....	45

Sumário

Introdução	08
1 História e imprensa.....	12
1.1 O uso da imprensa e a imprensa ilustrada	12
1.2 O periódico ilustrado: <i>A Semana Ilustrada</i>	20
2 A mulher na <i>Semana Ilustrada</i>	28
2.1 Os estudos da mulher e a história	28
2.2 As representações da mulher na <i>Semana Ilustrada</i>	32
2.2.1 A mulher e o casamento	32

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo analisar a representação da mulher nas imagens e textos presentes no periódico *Semana Ilustrada*, que circulou durante 16 anos, entre os anos de 1860 e 1876. A revista tornou-se um dos mais importantes trabalhos do gênero ilustrado do século XIX. O trabalho busca entender como as mulheres eram colocadas nas páginas da revista, com foco em uma das temáticas mais abordadas quando o assunto são elas, ou seja, o casamento.

A *Semana Ilustrada* teve, segundo Santiago (2017), um total de 797 edições, publicadas aos domingos. Foi lançada na capital do Império, na cidade do Rio de Janeiro e sua circulação alcançou bem mais que somente os leitores da corte, chegando até algumas cidades do interior e também em outras localidades. O periódico foi um dos principais empreendimentos do Instituto Artístico, empresa iniciada por Henrique Fleiuss, pelo seu irmão Carlos Fleiuss e pelo pintor Carlos Linde, voltada para as artes gráficas. Henrique Fleiuss era o editor da revista e nas primeiras 10 edições responsável pelas gravuras que compunham suas páginas.

Com um caráter humorístico, o jornal se utilizava do lema “*ridendo castigat mores*”, em tradução livre, “rindo castigam-se os costumes”, para empregar o humor e o riso em suas críticas aos costumes da sociedade fluminense. Com dois personagens fundamentais, o Dr. Semana e o Moleque, o periódico se colocava dentro de todo o tipo de situação em busca de seu novo lançamento.

Durante o século XIX, principalmente a partir da sua segunda metade, o Brasil passou por uma série de transformações, e isso impactou na vida das mulheres. Com o desenvolvimento de uma vida mais urbana, elas começaram a circular por espaços que antes não eram permitidas, assim, segundo Silva (2017, p.2), “se até a primeira metade do século XIX, a mulher vivia reclusa em casa, na segunda metade do mesmo século, esta passa a desfrutar de certos benefícios dessa dita ‘modernidade’”. Assim, segundo a autora, elas começaram a frequentar os famosos cafés presentes na Rua do Ouvidor, participar de teatros e recitais, e elas passaram também a ser mais controladas, já que se antes só os olhos de seus familiares do sexo masculino estavam sobre elas, agora elas estavam expostas aos olhos de todos, e isso cobrava delas uma postura adequada diante da sociedade.

Segundo Silva (2017), a mulher oitocentista tinha uma formação, desde menina, para ser subordinada e calada quando adulta, dependente do pai e

posteriormente do marido, com isso, desde criança ela era ensinada a ser uma boa esposa e excelente mãe. Com as mudanças que viriam acontecer na segunda metade do século XIX, seu papel como mulher começou a ter um pouco mais de valorização, o que não significa que elas passaram a ter um status de igualdade de direitos com os homens, mas que elas passaram, de acordo com a autora, a serem valorizadas ao lado deles.

Para Silva (2017), é por influência e ascensão da burguesia e em nome de uma moral cristã que se constrói uma série de discursos que irão mover a mulher ainda para dentro de suas casas, só que agora, para serem as “rainhas do lar”. A partir daquele período, inicia-se, baseado em um modelo europeu, uma reconfiguração da família, na qual se constitui um novo protótipo de mulher, indicando o que seriam comportamentos adequados e quais as normas e as etiquetas que deveriam ser seguidas por elas.

Para Diniz (2013), as relações entre homens e mulheres sempre foram permeadas de desconfianças e sentimentos contraditórios. A partir das diferenças sexuais, foram forjados valores, privilégios e crenças que só reforçam essas diferenças. Para a autora, essas estruturas foram pensadas e limitadas conforme as hierarquias estabelecidas em determinados contextos históricos, as representações do feminino e do masculino ocuparam sonhos e pesadelos de diferentes grupos e formadores de saberes. Para a autora, foi muito falado sobre elas, principalmente nos discursos públicos, como nas igrejas, em suas casas, e ambientes de trabalho ou de diversão, reforçando as estruturas limitadoras.

As representações femininas inseridas nas caricaturas e artigos jornalísticos da *Semana Illustrada*, no primeiro ano de sua circulação, entre 1860 e 1861, eram escritas predominantemente sob uma perspectiva masculina, e constituem-se no objeto de estudo deste trabalho. Os discursos presentes em tais textos inserem-se em um contexto histórico nacional de transição, inundado por mudanças nas quais inúmeros embates políticos e sociais vieram à tona, estando presentes nas páginas dos periódicos da época. Para Diniz (2013), o Rio de Janeiro era dominado por ritos festivos e extravagâncias vindas de fora, principalmente da França, muitos caminhos estavam sendo iluminados pelas luzes dos novos cafés, lojas de artigos de luxo importados e livrarias.

Pesquisas que abordam as relações de gênero e história das mulheres e que utilizam-se de fontes como revistas e jornais estão cada vez mais frequentes e

estão sendo muito exploradas, a *Semana Ilustrada* se apresenta como mais uma opção para realizar esse tipo de abordagem. Para Vieira (2014), para estudar mulheres é importante trabalhar cada vez mais com periódicos como fontes, já que é nesses espaços que elas ganham um pouco mais de visibilidade. Elas são representadas das mais diferentes formas, mencionadas em piadas, de maneira ridicularizada, em ilustrações cômicas e ao mesmo tempo críticas sobre assuntos que também são de seu interesse, como o casamento. Para Vieira (2014), mesmo que os periódicos coloquem as mulheres em suas publicações, não significa que elas não procurem fazer a defesa de valores morais, que tornam a mulher um ser social dependente da figura masculina, reforçando a sua dependência com as figuras masculinas que estão presentes em suas vidas.

São muitos discursos que constroem as bases da desigualdade de gênero, e que mostram essa desigualdade como algo natural, o que acaba por legitimar as diferenças entre os homens e as mulheres, de acordo com Todeschi,

Esses discursos integraram-se às práticas sociais que passaram a determinar a vida das mulheres. A história do corpo feminino é contada pelo olhar masculino, estabelecendo, através dos discursos, uma “natureza feminina”, voltada unicamente para a maternidade e a reprodução. (TODESCHI, 2012, p. 16)

Para o autor, o campo de estudos de gênero está em expansão e se tem um enriquecimento de temas que abordam esse assunto, o que acompanhou as renovações que vem acontecendo no campo historiográfico com novas abordagens, novas metodologias, novos enfoques de assuntos que antes seguiam um modelo histórico mais tradicional, ao se questionar isso, temos novas questões que podem e devem ser feitas, novas fontes se apresentam, que antes não seriam trabalhadas e que estão, “contribuindo para redefinir e ampliar noções sobre os significados da história em relação ao feminino”. (TODESCHI, 2012, p. 16).

Todeschi (2012), coloca ainda que é indiscutível a contribuição da produção historiográfica sobre o gênero na atualidade, mas ainda há muito mais por ser pesquisado e produzido, e que,

Os estudos históricos com a abordagem de gênero trouxeram à luz uma diversidade de documentações, uma teia de novos sentidos e significados e requer uma paciente busca de indícios, sinais e sintomas, uma leitura detalhada para descortinar a história das mulheres. (TODESCHI, 2012, p. 16).

A *Semana Illustrada* se mostra uma fonte com muito potencial, pois ao se pesquisar trabalhos desenvolvidos com ela, percebe-se que há uma quantidade grande de trabalhos acadêmicos que analisam esse periódico, porém nenhum que pesquise a representação das mulheres com mais profundidade, a maioria trabalha com a escravidão e sua dinâmica no período pré-abolicionista, com figuras importantes como o Moleque e o Dr. Semana (SANTIAGO, 2017), e são abordados também temas como, o ideário republicano do período (LOPES, 2010; MENDES, 2013), a Guerra do Paraguai (LAVARDA, 2007), porém, as mulheres são mencionadas com menos frequência, às vezes em um parágrafo, ou no máximo em um capítulo, como é o caso do trabalho de Renan Rivaben Pereira (2015), que aborda em um de seus capítulos, algumas considerações acerca das figuras femininas presentes no periódico.

As fontes que estão presentes neste Trabalho de Conclusão de Curso são as edições da revista *Semana Illustrada*, todas disponíveis para consulta na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional. Para fazer a análise das imagens e texto presentes no periódico, foram criados subgrupos com alguns temas específicos que são frequentemente designados para as mulheres, os subgrupos foram: Moda/Beleza, Comportamento e Casamento.

No primeiro capítulo, o foco está centrado na *Semana Illustrada* e o papel que o empreendimento de Fleiuss teve na sociedade carioca, em um momento em que as imagens estavam começando a se consolidar na imprensa, também é discutido o fator humor para a revista e a importância que o mesmo tinha para seu sucesso. Construída sobre os pilares do humor, o periódico satirizava aspectos comuns do cotidiano das pessoas, e mesmo que sua forma de humor fosse descrita como inofensiva, a revista criticava os costumes de forma direta, e muitas vezes até mesmo citando nomes. Além disso, o capítulo trabalha uma breve discussão da importância dos periódicos para a análise histórica, além de uma breve discussão acerca da imprensa no Brasil.

No segundo capítulo, trata-se da análise mais específica do trabalho, que é a representação da mulher nas páginas do periódico de Fleiuss. Busca-se analisar como a revista via as mulheres, com uma discussão voltada para o casamento, momento tão importante e esperado para elas, e que ditaria sua vida toda.

CAPÍTULO 1

HISTÓRIA E IMPRENSA

1.1 O uso da imprensa e a imprensa ilustrada

A trajetória da imprensa no Brasil se inicia com a transferência da Corte Portuguesa para o Rio de Janeiro. Fugindo de Napoleão e da sua iminente invasão, toda a família real e boa parte de sua corte, desembarcou em terras brasileiras em 1808 e trouxeram consigo os ventos da mudança transformando radicalmente a vida da colônia para sempre. Foi dentre essas várias mudanças que, segundo Martins e Luca (2012, p.2), foi criada a Imprensa Régia, responsável pela publicação de vários periódicos em terras brasileiras. Porém, segundo Starling e Schwarcz (2015),

Mas a abertura da atividade de edição trazia também restrições: entre as atribuições da junta diretora constava o exame de tudo que se mandasse publicar e o impedimento da impressão de papéis e livros cujo conteúdo contrariasse o governo, a religião e os bons costumes. A censura colava-se à real tipografia, preocupada em impedir a divulgação de ideias que ameaçassem a frágil estabilidade da Coroa portuguesa. (STARLING; SCHWARCZ, 2015, p.151)

Starling e Schwarcz (2015) colocam ainda, que no ano de 1808, foi o lançamento do primeiro periódico brasileiro, a *Gazeta do Rio de Janeiro*, com sua primeira edição em um sábado, e após, sendo lançado aos domingos e quartas feiras, a partir do número dois. De acordo com as autoras, foi um periódico produzido pelo governo, e redigido pelo frade Tibúrcio José da Rocha, responsável pela Secretaria de Estrangeiros e da Guerra. Para as autoras, o jornal nunca escondeu seu papel de “propaganda do Estado”. Era o veículo perfeito para a divulgação das realizações da monarquia para expandir a sua boa imagem, segundo as autoras, “O conteúdo da *Gazeta do Rio de Janeiro*, porém, não passava da reprodução de atos oficiais, de elogios e referências à família real, e de textos traduzidos de jornais europeus.” (STARLING; SCHWARCZ, 2015, p.151)

A partir daquele primeiro lançamento, aos poucos, os jornais foram tomando as ruas das cidades brasileiras, só na cidade de São Paulo foram registrados aproximadamente 1.500 títulos no final do século XIX, em sua maioria, eram títulos simples com no máximo duas páginas, que foram aos poucos ganhando a simpatia da população letrada. (MARTINS; LUCA, 2012). Para as autoras,

Os impressos que por aqui circularam em duzentos anos não só testemunham, registram e veiculam nossa história, mas são parte intrínseca da formação do país. Em outras palavras: a história do Brasil e a história da imprensa caminham juntas, se auto explicam, alimentam-se reciprocamente, integrando-se num imenso painel (MARTINS; LUCA, 2012, p.6).

Segundo Lopes (2010), a imprensa ilustrada no Brasil começou a aparecer junto às primeiras publicações após a chegada da Família Real Portuguesa ao Brasil no ano de 1808. Porém, segundo o autor, a imprensa ilustrada só começou a circular efetivamente nos anos 1830, e esses periódicos não tiveram uma veiculação muito longa, isso só começaria a mudar na década seguinte, quando as primeiras edições do periódico *Lanterna Mágica*, publicado em 1844, começaram a circular de forma expressiva. Nas décadas seguintes a imprensa ilustrada teve um crescimento significativo e em 1860 teve início a circulação de jornais ilustrados com mais regularidade, se mostrando presentes semanalmente, publicações melhores estruturadas e com uma vida mais longa que seus antecessores.

Segundo Mendes (2013), foram os avanços tecnológicos presentes na segunda metade do século XIX, como as impressoras modernas e no caso da imprensa ilustrada também o desenvolvimento da litografia junto ao crescente interesse do público leitor pelas ilustrações, que permitiram que a imprensa ilustrada crescesse no país a partir da década de 1850, mostrando em suas páginas caricaturas, charges e ilustrações diversas. A ilustração se mostrou algo inovador e importante para aumentar o público leitor do período, já que com as imagens era possível exibir visualmente o que antes só poderia ser mostrado em texto, melhorando o entendimento do leitor sobre os assuntos, o que aumentou o alcance das publicações. Outros avanços foram acontecendo com o passar dos anos, o que só fortaleceu o protagonismo da imprensa ilustrada, em um contexto de novas experiências sensoriais, que de acordo com Mendes (2013),

As imagens impressas retratavam o cotidiano das ruas, os conflitos sociais e políticos, paisagens, cidades distantes, personagens... uma infinidade de elementos que levava o leitor a entrar em contato com novos mundos, apreendendo aquilo que ele via como a realidade e resultando em uma grande transformação na forma de ler (MENDES, 2013, p. 20).

Segundo Mendes (2013), a década de 1860 foi a época em que a imprensa ilustrada teve um crescimento impressionante, e isso se mostrou na difusão de

estabelecimentos litográficos¹, que passaram de três oficinas em 1844 no Rio de Janeiro para 32 em 1875, essas oficinas iam além de somente desenvolverem as gravuras para os jornais e revistas, elas também criaram selos, estampas e uma gama variada de outras gravuras, o que popularizou e colaborou para a divulgação das imagens por todo o território brasileiro. Para Santiago (2015), a litografia foi um ponto importantíssimo quando se fala em uma nova fase para a imagem no Brasil, segundo ela, as raízes do que viria a ser o gosto pela fotografia iniciou com a litografia, já que ela era a técnica mais barata, mais adequada e que supria as demandas industriais do período além de ser relativamente fácil e de baixo custo de produção. Para Ipanema (2007, p.41), fazer imagens em litografia “tornou-se uma prática eleita das atividades gráficas dos artistas Oitocentistas”

Naquele momento, a gravura vinha para se concretizar como um novo meio de expressão, transmissão de informação e para fechar com chave de ouro um ótimo produto comercial. Mesmo que durante o Primeiro Reinado ela tenha sido usada para fazer alusão majoritariamente aos atores políticos e eventos de linha política, durante a segunda metade do século XIX ela acabou por tomar outro rumo e suas imagens passaram a se mostrar mais diversas, mostrando diferentes espaços urbanos, situações do cotidiano da Corte e acontecimentos ou fatos que poderiam ser de interesse do público leitor.

Assim, um dos jornais que se apresenta como um dos títulos de importância para a imprensa ilustrada naquele momento e que, segundo Santiago (2017), inaugurou essa nova fase da imprensa, foi a *Semana Ilustrada* (1860-1876), periódico que circulou aos domingos pelas ruas do Rio de Janeiro por 16 anos. Não teve só leitores da Corte, mas também de cidades do interior.

¹ “A litografia baseia-se na repulsão que a água tem pela gordura e vice-versa. Numa pedra calcárea, o desenho é feito por lápis gorduroso (o chamado crayon litográfico) ou tinta, também gordurosa, aplicada a pincel ou caneta. Uma solução ácida fixa a gordura à pedra. A impressão é planográfica, realizada numa prensa litográfica que, assim como a prensa calcográfica, se compõe de uma ‘cama’ com movimentos de vai-e-vem, onde se coloca a pedra. Sobre a pedra entintada é colocado o papel, bem liso, a receber a impressão e, por cima, um cartão de proteção. Antes de se proceder à entintagem, a pedra é molhada. A parte sem gordura absorve a água, ficando úmida, enquanto a parte engordurada repele-a. Nas áreas da pedra sem desenho, que permanecem úmidas, a tinta é recusada. Embora as litografias sejam facilmente reconhecidas pela granulação característica—efeito causado pelo lápis desenhado sobre a pedra— é possível também imprimir chapadas, em traços ou planos, bastando para isso aplicar a tinta sobre a pedra, com pincel ou caneta, para obstruir completamente os orifícios da mesma. Já o crayon, dependendo da força com que é usado, penetrará mais ou menos na granulação da pedra, de forma que, ao se fazer a impressão, fica visível” (ANDRADE, 2004, p.84).

De acordo com Barbosa (2014), os periódicos têm sido utilizados em análises históricas como objeto e como fonte, porém, esse uso não foi algo rápido e que aconteceu de forma orgânica, ele é fruto de um longo processo na história e historiografia, tanto na mundial quanto na brasileira (BARBOSA, 2014, p. 2).

Segundo Luca (2005), na década de 1970, o número de trabalhos em que jornais e revistas eram usados como fonte para o conhecimento histórico ainda era pequeno, mesmo que o número de jornais impressos fosse grande e que existissem milhares de diferentes edições que circulavam em diferentes momentos históricos. Para a autora, era reconhecido que os jornais eram importantes e não era novidade a escrita da História da Imprensa, porém, ainda era incomum que se utilizasse os impressos para escrever uma História por meio da imprensa (LUCA, 2005, p.111).

Para Luca (2005), muitos fatores explicariam tal situação, porém não se pode deixar de lado o fato de que determinadas tradições tinham um certo peso durante o século XIX e as décadas iniciais do século XX, em que se buscava a verdade dos fatos através de documentos, única forma de se obter sucesso. De acordo com a autora,

Estabeleceu-se uma hierarquia qualitativa dos documentos para a qual o especialista deveria estar atento. Nesse contexto, os jornais pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas "enciclopédias do cotidiano" continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões. Em vez de permitirem captar o ocorrido, dele forneciam imagens parciais, distorcidas e subjetivas (LUCA, 2005, p. 112).

A crítica contra esse modelo de pesquisa acontece, segundo Luca (2005), já na década de 1930, com a Escola dos Annales, porém, isso não significou que a imprensa teve reconhecimento imediato como fonte, e continuou por mais um tempo, no que a autora chama de "limbo". A prática historiográfica começou a se modificar no final do século XX, e no percurso dessas modificações, acabou por mudar a própria concepção do que seria um documento, e com isso foi possível a introdução de novas fontes à pesquisa histórica, incluindo os jornais (LUCA, 2005, p.112). Conforme a autora,

Na França, a terceira geração dos Annales realizou deslocamentos que, sem negar a relevância das questões de ordem estrutural perceptíveis na longa duração, nem a pertinência dos estudos de natureza econômica e demográfica levados a efeito a partir de fontes passíveis de tratamento estatístico, propunha "novos objetos, problemas e abordagens" (LUCA, 2005, p. 112).

Segundo Luca (2005), resistia-se em colocar os jornais na pesquisa histórica, pois eles eram considerados inadequados para a recuperação do passado, já que eles abrigavam registros fragmentados do presente, e esses fragmentos foram produzidos sob a influência de alguém, de seus interesses, compromissos e paixões, fornecendo somente imagens parciais do que havia acontecido, imagens distorcidas e subjetivas do ocorrido (LUCA, 2005, p.112).

Luca (2005), coloca que a terceira geração dos Annales, foi a responsável por abrir novos caminhos, ao propor novos objetos, novos problemas e novas abordagens nas pesquisas. Segundo Burke (2005) na década de 1970, temos o surgimento da nova História Cultural, que vai fazer com que sejam adicionados esses novos elementos importantes para a produção do conhecimento histórico.

Para Burke (2005), é a História Cultural que acaba por agregar novos conhecimentos, propondo novos objetos, problemas e abordagens, e elementos que antes eram desprezados e até mesmo desacreditados na hora de se iniciar uma nova pesquisa, como por exemplo, as mídias, que se tornam presentes nessa virada cultural e não somente as mídias mais tradicionais, como por exemplo o jornal, como encontramos, além deles, o cinema e os jogos eletrônicos.

Segundo Celinski e Skura (2019, p.4), “o movimento dos Annales mostrou as inquietudes e experiências de um novo exercício histórico, com base na proposição de pesquisa sobre sujeitos e objetos antes tais como mulher e família, infância e educação, livro e leitura, entre outros”. Para as autoras, ao falar sobre o cotidiano e das contradições da história humana em um movimento livre do entendimento positivista, as fontes passaram a ser ampliadas e passou a se valorizar tudo aquilo que o historiador enxerga como passível de análise, compreensão e interpretação.

Ciro Flamarion Cardoso e Ana Maria Mauad (1997) discutem que, desde que Bloch e Febvre convidaram os historiadores para que saíssem da comodidade e encontrassem novas experiências, os horizontes se abriram. Para os autores,

[...] todos os vestígios do passado são considerados matéria para o historiador, a pintura, o cinema, a fotografia, etc., foram incluídos no elenco de fontes dignas de fazer parte da história e passíveis de leitura por parte do historiador (CARDOSO; MAUAD, 1997, p. 569).

Mesmo que a imprensa tenha passado por um período de resistência, cada vez mais novos pesquisadores buscam colocar ela e outros tipos de mídias em suas pesquisas. Segundo Cruz e Peixoto (2007) hoje os materiais impressos são muito utilizados não só para pesquisa histórica, mas também para outras áreas, o que

demonstra que o peso negativo de ser uma fonte suspeita, que deveria ser utilizado com prudência, já que ela apresentava muitos problemas de credibilidade, foi deixado para trás.

Cruz e Peixoto (2007) ainda colocam que, as várias opções que a imprensa nos oferece, como jornais, almanaques, panfletos e as revistas, não foram pensadas para que historiadores fizessem pesquisas, assim, fazer de um jornal ou revista uma fonte histórica requer muito cuidado, sempre buscando um suporte teórico e metodológico. Para as autoras,

Trata-se de entender a Imprensa como linguagem constitutiva do social, que detém uma historicidade e peculiaridades próprias, e requer ser trabalhada e compreendida como tal, desvendando, a cada momento, as relações imprensa /sociedade, os movimentos de constituição e instituição do social que esta relação propõe (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p.258).

As autoras colocam que é muito importante problematizar, discutir, analisar e investigar a imprensa unindo outras áreas ao fazer isso, e não tornar ela um campo isolado, fazer conexão não só com a história de diferentes formas de comunicação, como também conectar-se com a história social, os movimentos políticos e sociais, processos econômicos e “os movimentos e formações culturais às quais as formas históricas da imprensa se articulam de modo mais específico” (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p.258).

Para Celinski e Skura (2019, p.4) “a relação entre História e fontes de pesquisa foi redimensionada quando a confluência desta com outras ciências possibilitou esse olhar para novos materiais com possibilidades de serem abordados.” Segundo elas, aos poucos foi substituída a História que só se direcionava para os fatos isolados pela História que cada vez mais se preocupava em compreender os aspectos coletivos e sociais. Nesta direção, as autoras colocam que,

[...] observa-se, cada vez mais, a influência das abordagens culturais, das quais os estudos de Roger Chartier, sobre práticas culturais compartilhadas por grupos que fazem uso e se apropriam dos produtos culturais, são exemplos importantes, sobretudo para os estudos da comunicação, cujas análises inauguram a preocupação de uma história cultural a partir da compreensão das práticas produzidas por aqueles que partilham um mundo também cultural. Um mundo que é desvendado não só por práticas, mas nas representações que são produzidas a partir das apropriações que cada ator cultural pode realizar ao reconstruir, pelas práticas, os textos que fazem parte do seu mundo (BARBOSA, 2014, p. 197 apud CELINSKI; SKURA, 2019, p. 5).

A *Semana Illustrada* foi um empreendimento que veio também para oferecer mudanças a um público brasileiro do século XIX que ainda carecia de orientação, pessoas que ainda não tinham o hábito de ler imagens, já que elas ainda não estavam presentes em seu mundo. Para Souza (2007, p. 27), “seria um jornal ilustrado com o intuito de desenvolver o gosto pelas belas artes – “*tão amesquinhas ainda*” – tendendo a um “*fim moralizador de pôr em evidência certos hábitos, certos tropeços que encravam a roda do progresso*”². A autora coloca que para que isso fosse feito com sucesso e que seu leitor não percebesse que estava recebendo uma crítica direta de seus hábitos errôneos, a revista optou por conduzir críticas mais discretas e não se utilizar de ataques diretos à certas personalidades, mas sim buscar que, quem lesse suas páginas, percebessem seus próprios erros e buscasse pela mudança.

Souza (2007) coloca ainda que, quando a *Semana Illustrada* nasceu na cidade do Rio de Janeiro, publicações humorísticas com imagens ainda eram um empreendimento com um alto custo e que necessitavam de técnicas de impressão e gravuras pouco presentes no Brasil. Porém, para a autora, o periódico chegava ao Brasil com um coadjuvante que seria importante para seu sucesso de vendas, seu público, que vinha permeando as suas páginas e era a “musa inspiradora” de cada nova publicação. Para Souza (2007), mesmo que a *Semana Illustrada* buscasse divertir seu leitores com fragmentos de momentos engraçados do cotidiano,

[...] a folha tinha uma intenção mais nobre, que era levar a arte da caricatura à sociedade brasileira, aproximando o Brasil de outras nações da Europa, onde aquela técnica já fazia-se conhecida e apreciada por todos. Dessa forma, quando aprendessem “ler” as caricaturas, os brasileiros perceberiam como esses desenhos representavam satiricamente alguns dos piores costumes da época, que impediam ainda o país de progredir (SOUZA, 2007, p. 27).

De acordo com Souza (2007), por muito tempo a arte da caricatura e sua capacidade de representação permaneceu ignorada, mesmo que tenham muita força como testemunho, os desenhos caricatos foram deixados de lado e muitos estudiosos foram incapazes de ver em seus exageros e distorções um discurso bem articulado acerca de certos temas, e para ela, até hoje, a atenção acadêmica é voltada para o humor que se encontra na literatura, peças teatrais e contos populares. Porém, para a autora isso vem se modificando aos poucos e se “têm

² Grifo no original

apontado para a potencialidade da análise historiográfica dos conteúdos temáticos da caricatura" (SOUZA, 2007, p. 28).

Segundo Balaban (2005), alguns artistas se utilizavam do humor como uma arma, para atacar adversários, expor situações de um modo único e peculiar e no caso da *Semana Illustrada*, tecer críticas aos costumes do Rio de Janeiro oitocentista, porém muitos autores buscavam fazer seu público rir, trazendo felicidade as suas vidas. No entanto, o autor salienta que, os periódicos eram escritos por sujeitos, e que os mesmos “com suas diferentes intenções, expressaram através do humor sua visão, expondo preconceitos e conceitos que nos ajudam a decifrar aspectos da vida social. Segundo Balaban (2005, p.5), “tais ilustrações não apenas nos contam histórias, elas têm história”. Para o autor,

[...] a comicidade de tais imagens se apresentava, na revista, como um poderoso instrumento de comunicação. Através dela, os desenhistas tratavam de levar ao seu público suas ideias e ideais, sem deixar de expressar concepções e pontos de vista próprios a esse mesmo público (BALABAN, 2005, p. 5).

Para nos dar suporte nesta discussão, utiliza-se Chartier (1990), e suas elucidações em torno do conceito de representação. Para o autor, as representações não são meras imagens, verdadeiras ou não, do mundo social, elas "têm uma energia própria que persuade seus leitores ou seus espectadores que o real corresponde efetivamente ao que elas dizem ou mostram". (CHARTIER, 2011, p. 27). Segundo o autor, “A história cultural, tal como a entendemos, tem por objetivo principal identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”, assim, para Chartier, pode-se pensar em uma história cultural que “tome por objetivo a compreensão das representações do mundo social, que o descrevem como pensam que ele é ou como gostariam que fosse” (CHARTIER, 1990, p.19).

As representações estão presentes no cotidiano das pessoas, influenciando em como elas vivem o seu dia a dia e, assim, interferindo diretamente em sua vida. As representações são responsáveis por várias escolhas que as pessoas tomam durante suas vidas, já que são elas que,

[...] estabelecendo padrões e domínios, modificando e alterando o vivido, visto que a relação entre indivíduo e sociedade são analisadas como uma espécie de história materializada e objetivada nas instituições sociais, bem como a história é incorporada pelo agente social como sistema de disposições para perceber, pensar, agir e construir uma representação sobre dado objeto. Conhecer as representações dos sujeitos, possibilita, portanto, compreender sua vida, identificar seu contexto e suas relações

(BOURDIEU, 1983, apud MACENHAN; MARTINEZ; TOZETTO, 2019, p. 185).

Segundo Martins e Podanov (2015, p. 67), “a representação é um sistema linguístico e cultural: arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder.” Mesmo que tenha uma aproximação com a realidade, Chartier (1990), afirma que é necessário deixar claro que as representações sempre são influenciadas pelos interesses dos grupos que as produzem. Assim, considerando que a revista não é um empreendimento solo, a representação da mulher na *Semana Ilustrada* pode seguir os interesses do grupo que elaborou suas edições, e esse grupo está utilizando todas as suas ferramentas visuais e textuais para fortalecer essa representação.

O poder e a dominação estão sempre presentes. As representações não são discursos neutros: produzem estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar escolhas. Ora, é certo que elas colocam-se no campo da concorrência e da luta. Nas lutas de representações tenta-se impor a outro ou ao mesmo grupo sua concepção de mundo social: conflitos que são tão importantes quanto as lutas econômicas; são tão decisivos quanto menos imediatamente materiais (CHARTIER, 1990, p. 17).

Chartier (1990) destaca ainda que, a construção da representação depende da autoridade do grupo ou do poder que a propõe, assim é fundamental considerar a importância do crédito concedido à representação, já que a imposição de uma representação não significa a sua aceitação homogênea, considerando que existem várias formas de leituras e compreensão do mundo social.

1.2 O periódico ilustrado: A *Semana Ilustrada*

Entre os periódicos ilustrados que começaram a surgir entre a primeira e a segunda metade do século XIX, a *Semana Ilustrada* foi um dos mais significativos, segundo Pereira (2015, p.10), foi “a primeira folha periódica a publicar quantidade significativa de ilustrações a cada edição e desfrutar de grande sucesso por mais de quinze anos de vida”. Segundo o autor, por se mostrar um periódico de grande sucesso, a revista marcou as edições seguintes de vários outros periódicos, já que consagrou um padrão estético que seria exemplo a ser seguido, para o autor: “o semanário de Henrique Fleiuss tornou-se pioneiro de um novo gênero da imprensa brasileira” (PEREIRA, 2015 p.11). Acerca disso, o autor ainda coloca que,

Ainda que a produção de imagens impressas e a circulação de periódicos de cunho humorístico não tenham começado com a *Semana Ilustrada*, é

fato que esta publicação uniu, de forma inovadora, humor e ilustração o que a consagrou como referência incontornável nas três décadas seguintes (PEREIRA, 2015 p.11).

Para Santiago (2017), Henrique Fleiuss, e seus dois sócios, seu irmão Carlos Fleiuss e o pintor Carlos Linde, foram responsáveis por fundar um empreendimento que daria as bases para o aprimoramento das artes gráficas no Brasil do século XIX, os três foram os responsáveis pela criação do Instituto Artístico, que alguns anos depois de sua fundação receberia o título de *Imperial*. Entre seus empreendimentos, o mais importante, foi sem dúvida, a criação da *Semana Ilustrada*, periódico que se tornou pioneiro, não só pela sua extensa veiculação como também pelo destaque que dava às imagens em suas páginas. O periódico era mantido principalmente por assinantes e era o principal negócio do Instituto Artístico, uma empresa que era totalmente dedicada às artes gráficas.

Foi através da publicação em periódicos que a imagem ganhou força e espaço, e segundo Santiago (2017), consolidou o papel da imagem como importante, já que os jornais diários não faziam o uso delas. Para a autora, foi com a leitura da *Semana Ilustrada* que seus leitores aprenderam que a imagem era algo fundamental e que ela era a materialização visual de algo que o jornal queria passar, algo que antes só seria verbal agora era esboçada, desenhada ou, no futuro, fotografada.

A revista era composta por uma grande diversidade de assuntos, contava com crônicas, ilustrações, caricaturas, contos, críticas teatrais, e além disso tudo, o periódico ainda comentava semanalmente os espetáculos musicais, teatrais e todo tipo de reuniões ou bailes. Porém, não era só isso que permeia suas páginas, era comum que o periódico denunciasse problemas urbanísticos da cidade, como a falta de arborização, insalubridade, e inundações e, no mesmo tom jocoso, criticava a precariedade dos serviços públicos, como o correio.

Para juntar o tom anedótico com as críticas, Fleiuss criou duas figuras marcantes do jornal, e que permaneceram presentes por todo o período em que foi veiculado, o *Moleque* e *Dr. Semana*, que para Isabel Moura Mota (2014, p3), o Dr. Semana, era um personagem considerado alter ego de Henrique Fleiuss. Esses dois personagens eram responsáveis por comentar assuntos relevantes e que estavam presentes nas edições da revista.

O Dr. Semana, por se encontrar em uma situação privilegiada, era um personagem que estava sempre presente nos círculos sociais mais badalados da época, ou seja, assuntos para que o mesmo contasse era algo que não estava em falta. (PEREIRA, 2015 p.12). Segundo o autor, cada uma das sátiras que a revista criava e apresentava dos costumes em suas páginas, era de personagens que estavam presentes nos salões de bailes, teatros, ruas e passeios públicos do Rio de Janeiro, “Dos pretos de ganho, mucamas e moleques às sinhás namoradeiras, esposas adúlteras e os vergonhosos velhos conquistadores, a publicação compôs de forma caricatural um quadro social da corte.” (PEREIRA, 2015, p.15)

Ainda sobre o personagem muito caricato do Dr. Semana, Pereira (2015), coloca que ele representava muito bem as pessoas do seu círculo social, já que naquele momento, ser proprietário de um escravizado era sinônimo de poder e evocava respeito, e como a revista buscava impressionar e divertir as camadas mais letradas e abastadas da sociedade fluminense, para o autor, “ o moleque autenticava o lugar social do Dr. Semana no interior da aristocracia escravista”.(PEREIRA, 2015, p. 58)

Sobre sua estrutura, Pereira (2015) coloca que, a revista contava com oito páginas, impressas em somente uma folha, depois era dobrada, já que eram feitas através da litografia, o que tornava difícil dispor imagens e textos juntos na mesma página, a revista tinha as imagens dispostas nas páginas um, quatro, cinco e oito, já os textos estavam presentes na dois, três, seis e sete. Acerca disso o autor coloca que,

De modo mais geral, as discussões sobre os rumos da nação, assuntos econômicos e políticos e aqueles também de ordem pública, porém mais vinculados aos ofícios do dia-a-dia do Rio de Janeiro, eram, majoritariamente, abordados nas páginas dois e três. Depois das páginas quatro e cinco, que eram inteiramente ilustradas, as páginas seis e sete possuíam viés mais artístico, no qual peças, apresentações, artistas, pintores, músicos e óperas recebiam comentários, saudações e críticas. Na penúltima página, muitas vezes, eram publicados contos de autoria anônima ou por pseudônimos, que chegavam a ter a duração de três a seis edições (PEREIRA, 2015, p. 36).

Na capa do jornal, geralmente se encontra uma imagem alusiva ao tema principal que será tratado naquela edição, já na parte superior podemos encontrar o Dr. Semana, com uma edição da revista em mãos, e também a lanterna mágica, em que podemos ler “*Ridendo castigat mores*”, que significa, “rindo castigam-se os costumes”.

Para Santiago (2017), era através do humor que a revista buscava identificar qualquer costume que era adequado para se fazer um ou várias críticas e também que necessitasse de uma correção, como a autora coloca, o sentido de se “castigar”, presente no cabeçalho da *Semana Ilustrada*, estava ligado ao sentido de “corrigir”, assim, era através do cômico, que a revista buscava corrigir alguns costumes presentes na sociedade oitocentista do Rio de Janeiro, a crítica por meio do riso, fazia com que os leitores refletissem internamente sobre o que ou não deveria ser mudado no âmbito social, rir de alguns costumes significava acreditar que algumas coisas poderiam ser mudadas e superadas, para a autora, o riso estimularia a mudança para uma sociedade melhor. Por publicar assuntos relacionados ao cotidiano das pessoas, as revistas ilustradas naquele momento não só eram parte da vida dessas pessoas, naquele período a revista era moda e também ditava as regras que deveriam ser seguidas. Sobre isso, Pereira (2015), coloca que,

o propósito do periódico era produzir o riso, contudo, uma espécie de riso de instrução que pretendia corrigir condutas. Dessa forma, a revista pretendeu assumir uma função cívica e de caráter pedagógico, evidenciar os maus costumes sociais, mas com o intuito de orientar cidadão e sua ação no espaço público. (PEREIRA, 2015, p. 37)

Durante toda sua vida, o riso teve um papel importante na revista, já que ela denunciava, sempre carregada pelo humor, a precariedade dos serviços públicos, permitindo assim, que se possa ler as práticas sociais e os valores presentes na sociedade fluminense, já que eles descreviam e também faziam piadas das formalidades e costumes sociais típicos do seu tempo.

A primeira edição do periódico foi totalmente feita por Henrique Fleiuss, e segundo Santiago (2017), para a divulgação de lançamento, Fleiuss ampliou a capa e produziu o primeiro cartaz-anúncio, que se tem notícia no Brasil, a ideia era instigar os leitores e despertar a curiosidade no público. Para tornar sua divulgação ainda melhor, mandou colocar esses cartazes em lugares estratégicos da cidade, como nas paredes de um quarteirão que na época era chamado de Boulevard Cerceler, lugar que era o ponto chique da cidade e que se encontravam as melhores confeitarias e boutiques, e não era de se admirar que mesmo antes de ser lançada, a revista já se encontrava na boca do povo.



FIGURA 1- Capa da primeira edição

Fonte: *Semana Illustrada*, Rio de Janeiro, ano 1, n.º 1, capa, 16 de dez. 1860

Segundo Santiago (2017,36), que faz uma análise detalhada da capa, ela é um elemento importante para o periódico, já que é nela que está presente o Dr. Semana. O personagem está passeando sobre a América do Sul, principalmente sobre o território brasileiro, com seu binóculo em mãos, ele observa tudo ao seu redor, mesmo que a distância. Para a autora, a capa se faz notável, pois é a identidade visual da revista. A confecção da *Semana Illustrada* era toda elaborada com o apoio de uma equipe, a qual pensava nos textos, figuras e impressão. Segundo Santiago (2017), as ilustrações dificilmente eram identificadas e muitas

delas nem mesmo traziam assinatura, Fleiuss teria confeccionado sozinho as primeiras dez edições, após isso, a revista começou a publicar textos e imagens de diferentes colaboradores.

A imprensa ilustrada enfrentava muitas dificuldades naquele momento, e uma das mais difíceis de superar era a tecnologia, mas também era um momento em que encontrar mão de obra qualificada e matéria-prima de qualidade eram tão difíceis quanto. O maior desafio de seus editores era conseguir colocar em uma mesma página o discurso verbal e a imagem. Foi por isso que a litografia se mostrou a melhor saída para a imprensa oitocentista, já que era a técnica de impressão que menos necessitava de um grupo qualificado de pessoas, uma ou duas pessoas que entendessem a técnica bastavam para obter sucesso na confecção. No Instituto Artístico, todos os litógrafos presentes eram europeus, e todos muito qualificados, visto que a litografia era uma técnica consolidada desde o começo do século XIX, para a produção de imagens na Europa (SANTIAGO, 2017, p.44).

O sucesso da *Semana Ilustrada* pode ser atestado através da quantidade de anos em que ela circulou, foram dezesseis anos de publicações, o que nos mostra que existia um público leitor, e era um público considerável se levarmos em consideração que o periódico era pago. Segundo Santiago (2017), era um número restrito de pessoas que tinham condições de adquirir a revista ou até mesmo ter uma assinatura, aliado às questões financeiras podemos citar a questão da conexão com o que era publicado, já que eram assuntos que não atingiram grande parte da população, ou seja, aquela parcela menos favorecida da época.

De acordo com Pereira (2015), entre a primeira e a segunda metade do século XX, o Brasil passava por muitas mudanças, e se encontrava no auge econômico e político. Foi nesses anos que se inaugurou a primeira estrada de ferro nacional, algumas ruas do Rio de Janeiro receberam iluminação a gás e nas noites da cidade, em clubes e salões se discutia como a jovem nação estava progredindo.

Paris era naquele momento a capital cultural do mundo, e no Rio de Janeiro se espelhava tudo que fosse francês, e segundo Pereira (2015, p.50), existiam muitos que, "(...) vestiam, comiam, liam e pensavam como os franceses". Todas as aspirações de um futuro estavam voltadas para a Europa e toda a modernidade que ela apresentava. Para o autor, "Ao sabor da literatura francesa e de ópera italiana, a elite da corte imperial ancorava-se, socialmente, na ordem paternalista senhorial e,

economicamente, na lucratividade do café, tendo por modelo cultural a França” (PEREIRA, 2015, p. 55).

Em suas publicações, a *Semana Ilustrada* mostra que, tanto o Dr. Semana quanto seu público ansiava pela modernidade, e queria poder caminhar pelas ruas do Rio de Janeiro sem a presença de pretos de ganho, cocheiros, lavadeiras e todas as outras pessoas que, aos seus olhos, não eram a imagem da modernidade. Para Pereira (2015, p.61), “o periódico de Henrique Fleiuss compartilhava com seu público a vontade de o Estado assumir um maior controle sobre a circulação das classes desfavorecidas.” Mais do que buscarem por proteção contra possíveis criminosos que atentassem contra suas vidas, eles buscavam uma maneira de criar barreiras sociais, contra as classes mais desfavorecidas.

A Rua do Ouvidor era um dos pontos principais de encontro da classe mais afortunada carioca, nela era possível encontrar todo tipo de loja para consumo ou para diversão. Segundo Pereira (2010, p. 1), “a Rua do Ouvidor, era uma rua conhecida e tida pelos homens daquele tempo, e igualmente pela historiografia posterior, como o lugar por excelência da propagação das letras e da sociabilização dos letrados.” Era nela e nas suas proximidades que se encontrava a maior parte dos cafés, confeitarias e livrarias do século XIX, e de acordo com a autora, tudo de mais notável do mundo da literatura da época passa por ela.

A *Semana Ilustrada* faz menção a Rua do Ouvidor em várias de suas publicações, uma delas, que se encontra a seguir, está ligada ao mundo das mulheres, citando duas mulheres que por ela passeavam e que se utilizavam de alguns artifícios para parecerem mais belas e foram avistadas por dois homens que ali também estavam. Um diálogo se inicia, já que, um deles achando uma delas muito bonita, queria conhecê-la e saber onde ela morava, seu amigo, que se intitula mais “entendido”, aponta todos os mecanismos usados pela mulher para se apresentar de forma mais bela aos olhos do público ali presente.

Passava uma mocetona pela rua do Ouvidor.

Dois pintalegreteres seguiam-na de perto.³

-Quero saber onde ela mora.

-Não vale a pena.

-Oh! se vale: tu não entendes destas coisas.

-Olha, meu amigo, esta conheço eu como as palmas das minhas mãos

-Tem um dente postiço.....

³ A grafia de todas as citações do periódico foi atualizada.

- Deveras?
- É alva e corada graças ao pó de arroz e ao carmim.
- Tanto melhor.
- Sim? Pois ouve o resto: aqueles belos cabelos,.....
- Também são postiços?
- É um chinó!
- Ah! Meu amigo, quero que me apresente aquele anjo; amo-o loucamente.
- Estás zombando. Podes lá simpatizar com uma mulher toda artificial. Isso não é natural.
- És um tolo. Fica sabendo que nas mulheres não há nada mais natural do que artifício.⁴

As mulheres estavam presentes frequentemente nas publicações da *Semana Illustrada*, muitos assuntos além dos que remetem ao mundo da moda e da beleza eram abordados no periódico. Segundo Maria Ângela D'Incao (2004), durante o século XIX a sociedade brasileira passou por uma enxurrada de transformações, o que fez com que a vida urbana começasse a oferecer novas oportunidades e uma nova mentalidade, e isso reorganizou, segundo a autora, as vivências familiares e domésticas e também as atividades e o tempo feminino. Para Giuslane Francisca da Silva (2007), se até a primeira metade do século XIX a mulher permanecia escondida relegada somente aos serviços domésticos e a criação dos filhos, na segunda metade do século, ela foi aos poucos se incluindo nas mudanças que começaram a se mostrar presentes com o processo de modernização.

Assim, não é estranho que o periódico utilize assuntos do universo feminino, também como alvo de críticas aos costumes, como o casamento, muito importante para elas. O próximo capítulo deste trabalho trata justamente disso, busca-se analisar como as mulheres foram representadas por Fleiuss e seu grupo editorial no primeiro ano de lançamento da *Semana Illustrada*.

⁴ Crônicas da meia noite. *Semana Illustrada*, ano 1, nº 3, p. 3, -/12/1860.

CAPÍTULO 2

A MULHER NA SEMANA ILLUSTRADA

2.1 Os estudos da mulher e a história

Para Nader (2014), tanto na cultura ocidental quanto na oriental, até o presente momento os papéis sociais são determinados com muita inflexibilidade, e com isso, os papéis sociais femininos e masculinos são essencialmente diferentes. Para a autora, quando se fala das sociedades ocidentais, ainda se espera que a mulher receba ordens sem questionar, e permaneça na esfera privada de suas casas, mesmo que, muitas estejam inseridas no mercado de trabalho. O homem nesse cenário é o provedor, ele assume o papel do chefe e está inserido na esfera pública, é a figura corajosa diante dos obstáculos da vida.

Segundo Nader (2014), quanto às qualidades mais vulneráveis e delicadas das mulheres e o aspecto viril e corajoso dos homens são importantes para a manutenção da ordem e diferenças hierárquicas sociais que são elementos comuns na formação de vida de ambos. Acerca disso a autora coloca que,

A palavra gênero tem sido utilizada por várias ciências fundamentadas em princípios que distinguem os sexos e comprometem os valores sociais, com uma carga moral responsável por frases que se formulam com interesse ou não sobre algum aspecto. A oposição binária trata das diferenças sexuais inseridas no conjunto das oposições que organizam o universo, as funções e os atos sexuais que trazem em si determinações antropológicas e cosmológicas. Logo, o antagonismo entre os sexos baseia-se na ideia dos opostos que se complementam, dando origem, na civilização ocidental, às concepções do bem e do mal, do claro e do escuro, [...] do fora (público) e do dentro (privado). (NADER, 2014, p. 11)

Segundo Narder (2014), dentro do campo das ciências humanas, principalmente nas áreas de estudo sobre as mulheres, o termo gênero foi assumido de empréstimo para que fosse possível designar “o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo, implicando, portanto, na rejeição do determinismo biológico implícito nessa categoria e estabelecendo o caráter relacional das identidades feminina e masculina.” (NARDER, 2014, p.12). Assim, o gênero está representando o aspecto social das relações entre homens e mulheres, é um

conceito que se diferencia do conceito biológico do sexo, já que ele não volta a sua atenção somente a um sexo como objeto de estudo, mas engloba todo o processo de formação de cada um deles. Para Scott (1990), o conceito de gênero é plural, ele se modifica em cada sociedade, grupo étnico e classe social, já que cada um deles carrega a sua própria concepção de homem e mulher. Para Nader (2014, p.12), “Tal concepção, dentro de uma mesma sociedade, um mesmo grupo e uma mesma classe social, é diversificada e ainda se transforma em cada período histórico.” A respeito disso, a autora ainda coloca que,

Sendo assim, o conceito de gênero serve para designar os significados que as sociedades elaboram sobre o que é ser mulher e ser homem, a partir das características observadas ou até mesmo atribuídas aos corpos de um e de outro. Deste modo, rejeita-se a natureza biológica como responsável pelas diferenças e desigualdades entre homens e mulheres, para inscrevê-las na esfera das construções sociais. O caráter social das diferenças entre homens e mulheres permite que se perceba uma estreita ligação do social e do biológico, embora a construção dos gêneros seja, fundamentalmente, um processo social e histórico. (NADER, 2014, p. 12)

Para Perrot (2005), as mulheres sempre tiveram um papel marginalizado na construção histórica, e de acordo com ela, “foram relegadas a uma história marginal por muito tempo, como se as mesmas não tivessem feito parte do processo histórico como um todo.” (PERROT, 2005, p. 9). De acordo com a autora, as mulheres começaram a ter presença e a falarem em locais antes nunca pensados para elas e até então proibidos somente no século XIX. Porém mesmo que, em suas palavras, seja uma “inovação” do século XIX, ainda existem muitas zonas “mudas” na História, que por muito tempo “esqueceu” as mulheres. (PERROT, 2005, p. 9).

Para Nader (2014), muitas discussões foram realizadas no século XX acerca da aceitação e submissão da mulher quanto a dominação do homem, segundo a autora, “debates foram travados acerca da marginalização da mulher na História, seu obscurantismo como sujeito político, sua nula participação nas mudanças sociais e sua participação na manutenção da ordem falocrática” (NADER, 2014, p.13). Foi através desses debates que as estudiosas americanas começaram a se utilizar do termo gênero para destacar que as distinções baseadas no sexo eram essencialmente sociais. Foi assim que, segundo a autora, o termo gênero passou a ser considerado uma categoria de análise histórica, que cresce junto às novas tendências historiográficas, como a História Cultural, além de passar por várias outras disciplinas que também se utilizam do conceito. Para Soihet (1997, p. 404), o

gênero tem sido, desde a década de 1970, o termo usado para teorizar a questão da diferença sexual. Sobre isso, Nader (2014) destaca que

a categoria de análise histórica gênero é expressa também em muitas áreas da vida social, como a cultura, a ideologia e as práticas discursivas, além de contribuir para a construção das relações de gênero na divisão do trabalho, no lar, na organização do estado, na sexualidade, na estruturação da violência e em muitos outros aspectos da organização social.(NADER, 2014, p.14)

Nader (2014) finaliza que, com os avanços dos estudos, o conceito de gênero evoluiu e se transformou em um termo de referência para a construção social das diferenças entre homens e mulheres, sem desconsiderar as diferenças biológicas entre os sexos, a organização social passa a ser considerada um fator importante.

Acerca da mulher do século XIX, Lilian Sarat de Oliveira (2008, p. 1) coloca que, “A mulher do Brasil oitocentista, formada e constituída socialmente nesta ordem, era subordinada e dependente do pai ou do marido, sendo feita propriedade do homem e silenciada por ele”. Elas eram ensinadas desde muito pequenas que seu papel era o de serem boas esposas, boas donas de casa e boas mães. Para essas funções não era necessário que a mulher tivesse grande educação além do esperado para realizar as funções já citadas, eram ensinadas a costurar, bordar e cozinhar, tarefas ligadas ao mundo doméstico, onde elas permaneceram durante suas vidas. Além disso, Oliveira (2008) coloca que eram vistas como frágeis e de pouca inteligência, o que, segundo a autora era o que fundamentava, juntamente com outros estigmas, a lógica patriarcal que as mantinha escondidas dos espaços públicos e dos olhos do mundo. Afastadas de tudo, era negado a elas até mesmo o acesso à escola, já que o que era necessário aprender para a vida poderia ser ensinado na comodidade e segurança de seus lares.

Como já citado anteriormente, as mulheres começaram a participar do processo de modernização que o país passava na segunda metade do século XIX e ali, elas começaram a sair de suas casas e a participar e se fazer presentes em alguns espaços como em teatros, passeios públicos e bailes. Elas não estavam mais só sob o olhar do pai, do marido ou do irmão, agora que contavam com mais liberdade, todo seu comportamento está sob escrutínio de toda uma sociedade, assim, foi necessário aprender e seguir um rigoroso regimento de

comportamento que as educava para o convívio público e social, de uma maneira que não fosse se envergonhar e envergonhar os homens de sua família. Foi permitido a elas que estudassem, já que, de acordo com Pinsky (2012), se essas moças fossem letradas e cultas, elas acabariam por serem donas de casa mais adequadas e companheiras mais interessantes para seus maridos.

Visto que a *Semana Illustrada* se utilizava da crítica social e moral filiando-se ao riso polido e moralizante, que pode ser sintetizado na frase do cabeçalho, “rindo corrigem-se os costumes”. A mulher, que agora estava presente no cenário público, também era um dos tópicos mais utilizados pelos redatores para preencher as suas edições. Elas eram também personagens e leitoras do periódico, e assim como seus maridos, pais e irmãos se conectavam com o que era publicado. Como já colocado, o humor é algo constante e as sátiras presentes nas publicações sobre assuntos cotidianos faziam com que os leitores criassem uma forte identificação com o que estava sendo publicado, já que eram assuntos da sua realidade e cotidiano.

Segundo Constância Lima Duarte (2017), a literatura e a imprensa para as mulheres se desenvolveram ao mesmo tempo no Brasil, nas primeiras décadas do século XIX, e que, de acordo com a autora, mesmo antes de as mulheres começarem a protagonizar na imprensa e a fazerem seus próprios periódicos, homens já falavam em seu nome, atentos às mudanças que vinham acontecendo na sociedade oitocentista. Também devemos colocar que, segundo Lopes e Pinto (2018, p. 1), “a imprensa foi vista como força educativa dentre outras instituições e atividades concomitantes à escola durante o século XIX, também para as mulheres.” Segundo Luca (2012), os periódicos eram importantes, pois ensinavam, aconselhavam e apresentavam ao público feminino o que era o padrão ideal de mulher, quais eram as formas de feminilidade consideradas como “comuns” e também eram responsáveis por indicar condutas, o que fazer ou vestir, como agir ou se portar, do que gostar, o que é de bom tom ou não em situações específicas que elas poderiam passar fora de suas casas, agora que estavam mais presentes aos olhos públicos.

Para Vieira (2014, p.14), a imprensa nos estudos de gênero vem se mostrando importante, já que busca representar as mulheres como agentes sociais e culturais de seu tempo. Dessa forma, os estudos das mulheres e de gênero devem, cada vez mais, explorar as fontes periódicas, uma vez que representam um

espaço no qual o feminino ganha maior visibilidade social. Joan Scott, autora que discute gênero como um elemento constitutivo das relações sociais, coloca que

O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. Mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre a mudanças nas representações de poder. (SCOTT, 1995, p. 11).

A autora coloca que é importante para os historiadores discutirem o gênero e seus efeitos dentro das relações sociais, e que, as relações de gênero é a forma de se entender e legitimar as relações sociais, ela aponta também as questões de gênero como um caminho de análise relevante para compreender o relacionamento de poder entre masculino e feminino (SCOTT, 1990). Joan Scott (1990), também coloca que, as relações entre os sexos são construídas socialmente, “gênero tanto é construído através do parentesco, como também na economia, na organização política, enfim em outros lugares igualmente fundantes” (SCOTT, 1990, p.15).

Para Soihet (1997, p.404), “a categoria de gênero amplia o seu espaço na produção historiográfica trazendo a dimensão analítica do sexo para as vivências sociais em detrimento do determinismo “biológico” e “natural” que supostamente determinava as distinções e relações entre homens e mulheres”. Para Gonçalves (2006, p. 74, apud GOMES, 2010, p.8), o uso do conceito de “gênero” como instrumento de análise busca principalmente, demonstrar que o “masculino” e o “feminino” são estruturados em suas relações e interações em um determinado tempo e espaço, ou seja, são construções socioculturais, logo, históricas.

Percebe-se que os periódicos são um dos caminhos para se entender as mulheres e é através deles que pode-se buscar compreender um pouco mais sobre sua existência enquanto agentes sociais de um determinado período, assim, o capítulo seguinte analisa as representações da mulher, nas páginas do periódico *Semana Ilustrada* e como o feminino é construído em seus discursos, tanto em suas ilustrações como em seus textos.

2.2 As representações da mulher na *Semana Ilustrada*

2.2.1 A mulher e o casamento

Segundo Del Priore (2005, p.26), o casamento é uma instituição voltada na sua origem para a transmissão de patrimônio. Ele começou com acordos entre

famílias e não pela escolha arbitrária entre duas pessoas em se unir em matrimônio. De acordo com a autora, desde a Antiguidade até a Idade Média, eram os pais que escolhiam e tomavam todas as responsabilidades do casamento de seus filhos. Era um negócio de famílias e um contrato entre as duas partes que não visava qualquer tipo de felicidade e prazer, mas sim uma forma de atender os interesses familiares, e era fundamental que, para isso acontecer, ambos os lados deveriam ter o mesmo nível econômico, para preservar suas fortunas. Para Araújo (2002, p. 2), “O principal papel do casamento era servir de base a alianças cuja importância se sobrepunha ao amor e à sexualidade. Escolha e paixão não pesavam nessas decisões, e a sexualidade para a reprodução era parte da aliança firmada.” Acerca disso Del Priore (2005) coloca que

A indissolubilidade do matrimônio, estabelecida pela doutrina da Igreja Católica, era usada como principal argumento a favor de uma escolha cuidadosa visando o futuro, mais do que um entusiasmo presente ditado pelo interesse físico ou outros. Nada de amor-paixão ou de outro sentimento parecido. (DEL PRIORE, 2005, p.22)

Segundo Del Priore (2005), para a Igreja, os cônjuges não deveriam se casar por amor, mas sim por dever, já que eles teriam um débito conjugal que deveria ser quitado, o débito de procriar e lutar contra as tentações do adultério. Através do amor conjugal, todas as paixões malignas que perturbavam o descanso dos jovens seriam extintas, era preciso evitar o que a autora chama de amor-paixão, que causava perturbações e levava os cônjuges a serem infiéis e cometerem atos imorais.

De acordo com Araújo (2002, p. 3), a sacralização do casamento pela Igreja só começou a se fazer presente no século XII e foi só no século XIII que a normatização da moral cristã se estabeleceu e isso instituiu o sacramento do casamento, tornando-o monogâmico e indissolúvel. Ainda sobre isso, a autora coloca que,

A partir de então, o ritual eclesial transferiu o ato matrimonial da casa, seu local tradicional, para a Igreja, e a cerimônia passou a ser conduzida por um padre. O casamento foi então instituído pela Igreja como lugar legítimo para uso dos prazeres desde que voltado para o seu fim natural: a procriação. Os teólogos instituíram regras básicas fundamentadas em três eixos principais: 1) a imposição da relação carnal (dívida conjugal) como algo obrigatório no casamento, sem a qual ele não teria sentido; 2) condenação de todo e qualquer ardor na relação carnal entre os cônjuges; e 3) a minuciosa classificação dos atos permitidos ou proibidos, tendo em vista a função procriadora. (ARAÚJO, 2002, p.3)

O casamento era algo muito importante para as mulheres do século XIX, tanto que, segundo Levy (2009), o insucesso em conseguir um marido e ser taxada de “solteirona” era uma humilhação que nenhuma mulher queria passar, já que caso o casamento não acontecesse, além de ser desprezada, estava destinada a viver de favor na casa de familiares, assumindo papéis destinados a elas, que segundo Levy (2009), eram os cuidados com os sobrinhos, cuidando da casa, como governanta e tinham aquelas mais desafortunadas que acabavam como concubinas ou prostitutas.

Assim, o casamento era algo muito almejado pelas mulheres e elas faziam o máximo que estava ao seu alcance para se mostrar uma opção adequada e encantadora para os possíveis pretendentes. *A Semana Ilustrada* coloca em uma de suas edições a descrição do que seria a vulgarmente mulher chamada de tia, mulher que já passou da idade de casamento, que de acordo com Del Priore (2005, p.153), era de 14 anos para as mulheres e 16 anos para os homens. Segundo Pereira (2015), sem perder sua veia humorística, o periódico coloca nessa passagem a construção acerca da mulher que já havia deixado para trás a sua juventude e continuava solteira, elas poderiam ter chegado até essa situação por diversos motivos, o mais plausível para o autor era por serem muito namoradeiras e não terem arranjado alguém que as quisesse com essa fama, e acabaram por serem castigadas, já que não seguiram o comportamento socialmente aceitável e valorizado, o de serem boas moças e se manterem puras até o casamento.

*A moça velha vulgarmente chamada tia.*⁵

Uma tia! céus! Que nome acabo de pronunciar! Uma tia!... é o epíteto mais triste que pode ter a mulher no sentido em que escrevemos este artigo.

Uma tia está de alguma maneira colocada fora do interesse que se tributa a seu sexo.

O vocábulo-moça é o mais gracioso da língua, e nós só o pronunciamos com amor. O de esposa exprime a mais alta dignidade social da mulher. O de mãe inspira-nos um sentimento mais nobre ainda do que amor. O de viúva entenece-nos e excita a nossa piedade; mas o de *tia!*... que simpatia merece? Que recordações protegem-a? Que esperança falam por ela?

Uma tia simboliza o egoísmo; é uma mulher que calculou em vez de amar; é uma mulher que não temeu ser enganada por sua razão, temendo sê-lo por seu coração; é uma mulher que disse consigo: “Um marido só me faria desgraçada”, e não ouviu uma voz interna responder-lhe: “e um filho lhe faria feliz!”.

Sim, velhas moças estas colocada fora do interesse que se tributa a vosso sexo, e vós mereceis; vós o mereceis porquanto como que o anjurates; vós o mereceis porque fizestes recair sobre vosso sexo uma terrível desconfiança, porque o tendes moralmente caluniado fazendo crer

⁵ As mulheres no sentido burlesco. *Semana Ilustrada*, ano 2, nº 23, p. 3, 19/05/1861.

que o título de mãe não é de tal sorte doce para a mulher, que, para obtê-lo, arrote a pobreza e a escravidão.

A palavra tia é um termo genérico que encerra muitas variantes. Assim:

A velha moça ou tia arrependida por ter sido muito difícil em suas pretensões;

A tia arrependida por ter, sendo muito namoradeira, espantado todos os *Vieiras* (na gíria bohemia, Vieira significa pretendente);

A tia arrependida por não ter sabido fazer-se amar;

A tia arrependida de ter julgado que os juramentos de um namorado valiam um casamento, etc, etc.

Tenho dito sempre- tia arrependida- por acreditar que não há uma única moça velha que não tenha um arrependimento qualquer.

É de esperar que depois da leitura destas verdades chovam sobre minha cabeça tantas pragas quantas poderem forjar os ex-representantes do belo sexo; paciência; já me acostumei com elas (as pragas); recebê-las-ei com a humildade de um bom e fiel cristão.

BOÊMIO.

Podemos perceber no fragmento que o periódico tinha uma visão adequada ao que se esperava da mulher da época, já que da mulher era desejado que fosse uma boa esposa e mãe, era isso que importava. Ao ser denominada tia, significava que ela não cumpria seu papel, ela ouviu mais a voz da razão, que estava equivocada, ao invés da voz do coração, que a levaria para um futuro brilhante e feliz, sendo uma mãe. Assim, essa mulher não merece nenhum tipo de bom sentimento, e da sociedade em que ela está inserida ela só receberia desprezo, por ser egoísta e não buscar seguir seu caminho predestinado, de casar, ter filhos, constituindo, portanto, uma família, a qual ela deveria servir sendo uma ótima esposa e mãe.

Segundo Pereira (2015), ao optar por não se casar e não ter filhos, essa mulher acaba por não contribuir para o futuro, riqueza e para a força da sua nação, e ela se torna um alvo fácil para as piadas da imprensa ilustrada fluminense. Segundo o autor, “Ao não cumprir o papel que lhe era reservado, às tias perdiam o privilégio de serem sustentadas por um marido e desfrutar das regalias que merecia como reprodutora e parte de uma família, a célula primordial” (PEREIRA, 2015, p. 84). Se essa mulher não tivesse recursos para se sustentar, teria que assumir tarefas domésticas, o que, segundo Pereira (2015), era visto de forma depreciativa, já que esse tipo de tarefa era relegado às raças inferiores e isso acabava por comprometer seu reconhecimento junto à sociedade. Sobre isso o autor coloca que, “Num sistema em que a labuta associava-se à condição racial e à ideia de degeneração, a tia que não ocupa a posição superior de seu sexo, ou seja, abaixo do homem branco e dentro da família, é vista como assexuada” (PEREIRA, 2015, p. 84).

O casamento era um dos focos da *Semana Ilustrada*, e que rendia muitas das publicações, segundo Pereira (2015), os olhos sempre se voltavam para o interior dos lares recém formados, junto aos jovens casais, o periódico buscava denunciar os vícios e defeitos dos novos matrimônios.



Em casa , que aborrecimento!

Como são hoje os maridos.

Fôra de casa, que folia!

FIGURA 2- Como são hoje os maridos.

Em casa, que aborrecimento!

Fora de casa, que folia!

Fonte: *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, ano 2, nº 33, p. 4, 28 de jul. 1861.

Pode-se observar na figura 2 que o casamento era retratado como sendo um aborrecimento, sem diversão nenhuma. Estar em casa junto a esposa e seu filho não despertava nenhum sentimento de alegria no homem, e se observarmos a esposa, ela não estava vestida de forma sedutora ou luxuriosa, mas ao contrário, com um vestido escuro. Se olharmos com atenção a imagem ao lado, percebe-se que o homem está mais alegre enquanto está na presença do que podemos conjecturar ser uma dama da noite que ele encontrou, supostamente, em um bordel. Ao contrário de sua esposa, essa mulher mostra muita pele, conforme seu decote

avantajado para aquelas consideradas de boa reputação e mostra seus tornozelos em um vestido mais curto. Além disso, ela está com o pé apoiado na perna do cavalheiro, que parece estar tocando algum tipo de sino, para que ela dance. Essa imagem nos passa uma impressão de felicidade, em algum tipo de festa, totalmente diferente da primeira, no quadro ao lado, em que a alegria está em falta.

De acordo com Pereira (2015), no mundo dos casados, existiam muitas regras e convenções que deveriam ser seguidas, o amor e o prazer eram sentimentos que não faziam parte desse acordo, e eram encontrados somente fora de casa, como por exemplo, nos bordéis. Acerca disso, Del Priore (2005) coloca que

Uma concepção de união entre homens e mulheres teve por consequência a coexistência de dois tipos de conduta sexual: uma, conjugal, com a única finalidade de procriação. Outra, extraconjugal, caracterizada pela paixão amorosa e pela busca de prazer. (DEL PRIORE, 2005, p.111)

Assim, para que o homem pudesse desfrutar de tais prazeres carnisais, deveriam ir às ruas, a própria Igreja reconhecia que o homem tinha uma necessidade sexual que a mulher não possuía, segundo Del Priore (2005, p. 185), “A tradição religiosa acentuava a divisão de papéis. Para a Igreja, o marido tinha necessidades sexuais e a mulher se submetia ao papel de reprodutora.” De acordo com a autora, os casais ideais eram os que seguiam o exemplo de Maria e José, em uma vida de castidade, e uma vez que a concepção fosse realizada, a abstinência sexual de ambos era esperada, já que alcançaram o que era considerado ideal, ou seja, gerar uma nova vida. Foi só no final do século XIX, que, por forças sociais, a ideia do casamento ideal começou a mudar, um casamento que ia além do matrimônio como um negócio.

Segundo Del Priore (2005), o namoro, que era algo que não acontecia com a futura esposa, era dificultado por todos os cuidados que a família tinha com a moça em idade de casar, fora as trocas de olhares que aconteciam em alguns eventos, como na missa de domingo, o homem raramente tinha a chance de conversar pessoalmente com a pretendente antes de tê-la pedido em casamento, quando os pais da jovem mulher eram menos rígidos, o casal poderia conversar, na presença de ambos, para a autora, “até o fim do século XIX o namoro será dificultado.” (DEL PRIORE, 2005, p.128)

Com o avançar do século XIX, as mudanças começaram a aparecer. Segundo Del Priore (2005), a partir de 1850, começaram a se importar pianos, móvel aristocrático francês e inglês, que eram usados para impressionar o sexo

oposto. E assim como muitos outros costumes que iriam se modificar através da influência francesa, naquele momento começaram a surgir as soirées e segundo a autora, “Aí multiplicavam-se as pianistas, as diseuses de poemas, os recitais de canto, na maior parte das vezes para exhibir a menina casadoira.” (DEL PRIORE, 2005, p.135). Ainda conforme Del Priore (2005, p. 139), a ópera e os teatros, que se multiplicaram durante o Segundo Reinado, também foram ferramentas utilizadas para fomentar o namoro a distância, uma troca de olhares sobre os leques e sedas dentro dos camarotes e uma resposta por um olhar masculino mais prolongado eram momentos de “diálogo entre os apaixonados”

De acordo com Del Priore (2005, p.187), a imprensa aborda com muita frequência como a mulher deve se comportar. Reforçando que ela deveria ser boa dona-de-casa, e ser excelente na educação dos filhos. Delas se esperava também certas qualidades como boas bordadeiras, que cantassem de forma graciosa e tocassem piano, porém ela não deveria rir de forma alta e nem bocejar em público.

A moralidade feminina também era importante e facilmente perdida, para Del Priore (2005, p.187), “Qualquer mulher de moralidade suspeita deve ser evitada”. O casamento era, naquele momento, um contrato que não poderia ser quebrado, assim, caso uma mulher casada tivesse contato com as “perdidas”, mulheres que haviam de alguma forma se divorciado ou separado, o perigo estava ali, já que elas eram maus exemplos da mulher ideal.

Para Del Priore (2005, p.187), “A fidelidade feminina parecia ser a “grande” virtude exigida das mulheres, pois elas tendiam a ser traiçoeiras.” O periódico coloca trechos acerca disso, já que, “em mil homens se encontra um bom e em todas as mulheres, nenhuma”⁶. Para evitar que elas pudessem cometer qualquer ato de infidelidade, era necessário, segundo Del Priore (2005), evitar que se aproximasse de qualquer homem, a não ser que elas necessitassem de ajuda médica, ou de um padre. Para a autora, o século XIX era obcecado por essa duplicidade de personalidade que a mulher parecia apresentar. Para a autora, ela era vista como “uma criatura que era anjo e demônio ao mesmo tempo.” (DEL PRIORE, 2005, p.188). Para a *Semana Ilustrada*, “ a mulher é órgão do demônio”. “A mulher é o

⁶ Variedades. *Semana Ilustrada*, ano 2, nº21, p. 2, 05 de maio 1861.

chefe do pecado, a arma do diabo, o desterro do paraíso, e a corrupção da primeira lei antiga que o céu deu aos homens”.⁷

Segundo Perrot (2006, p.45), “A virgindade das moças é cantada, cobiçada, vigiada até a obsessão. A Igreja, que a consagra como virtude suprema, celebra o modelo de Maria”. A preservação da pureza da mulher é uma obsessão tanto da família da moça quanto da sociedade. Para a *Semana Ilustrada*, “a mulher leviana é uma luva que chega em todas as mãos” e a moça namoradeira, que é como “uma rosa; cada namorado arranca-lhe um pétala... de sorte que quando chega a casar-se só tem para oferecer ao marido: os espinhos que ficaram.”⁸ Sobre as mulheres namoradeiras, o periódico coloca ainda que, “As namoradeiras são como as caixinhas e bolas com que os pelotiqueiros fazem suas mágicas: passam de mão em mão.”⁹ Além disso, o periódico coloca ainda que, “A virtude de uma mulher é como cristal que, uma vez quebrado, nunca mais tine por melhor que o liguem”. Acerca disso, Perrot (2006) coloca que,

Uma vez deflorada, principalmente se foram muitos os que o fizeram, não encontrará quem a queira como esposa. Desonrada, está condenada à prostituição. No século XIX, somente o estupro coletivo é suscetível de punição pelos tribunais. No caso de estupro cometido por apenas um homem, a jovem (ou a mulher) é quase sempre considerada complacente: ela poderia ter-se defendido. (PERROT, 2006, p.45)

Para Del Priore (2005), o século XIX era um tempo de desejos contidos e frustrados, em que se impunha regras aos casais, porém se liberavam os bordéis. Para a autora, o casamento era pensado para se tornar uma camisa-de-força social, já que muitos se casaram por vontade de suas famílias. Segundo a autora, “A cerimônia tinha lugar, depois de curtos noivados, em que a discrição e o afastamento dos corpos, prenunciava, na maioria dos casos, o futuro comportamento conjugal.” (DEL PRIORE, 2005, p. 232). De acordo com a autora, a burguesia emergente naquele período, principalmente nas grandes capitais, junto aos grandes senhores de terras e entre eles a aristocracia rural, dividiam as mulheres em duas categorias, a respeitável que era feita para o casamento e que não era feita para o amor, mas com quem se fazia os filhos. E as prostitutas, com quem tudo podia, e “com quem se dividiam as alegrias eróticas vedadas, por educação, às esposas.” (DEL PRIORE, 2005, p. 233)

⁷ Variedades. *Semana Ilustrada*, ano 2, nº21, p. 2, 05 de maio 1861.

⁸ Crônica Elegante. *Semana Ilustrada*, ano 2, nº18, p. 7, 14 de abr 1861.

⁹ Definições. *Semana Ilustrada*, ano 2, nº17, p. 7, 07 de abr 1861.

O dote era algo presente nos acordos de casamento, e segundo Del Priore (2005), mesmo quando o casamento não acontecesse pelos interesses familiares, a busca de um dote, mesmo que pequeno, era perseguido, e segundo a autora, haviam muitos caçadores de dotes de plantão, prontos para perseguir uma mulher que lhe parecesse um bom negócio.



Casei-me porque quis.
Foi um verdadeiro voto livre

FIGURA 3- Casei-me porque quis.
Foi um verdadeiro voto livre.

Fonte: *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, ano 2, nº 5, - jan. 1861.

Pode-se observar na Figura 3 que a mulher representada na gravura foge do que estamos esperando ver, já que ela tem várias marcas de expressão no rosto, com olhos pequenos e uma expressão carrancuda, além de ser colocada com um grande volume corporal, o que é inesperado para uma moça jovem em idade de casar. Isso nos leva a crer que ela é uma mulher mais velha e que por algum motivo

ainda não havia obtido um casamento. O periódico coloca de forma jocosa, na parte inferior da imagem, que o casamento havia acontecido por um “voto livre”, porém, se prestarmos atenção ao rosto do homem, também pode-se perceber que sua expressão não é de alegria. Suas sobrancelhas estão arqueadas, como se o mesmo estivesse descontente, dando a ele uma expressão séria, o que indica sua infelicidade. Esse casamento pode ter sido arranjado, justamente com uma mulher que era chamada pelo periódico de uma “tia”. Em outras palavras, uma mulher que já passou da idade que era considerada aceitável e adequada para contrair matrimônio e que pode ter sido aceita por contar com um dote de valor alto, vantajoso para o homem.

De acordo com Del Priore (2005, p.162), nos casamentos por interesse, “Não estão em jogo qualidades pessoais subjetivas de qualquer dos lados. O que há são qualidades subjetivadas no dinheiro que medeia as relações sociais.” A *Semana Ilustrada* aborda em suas páginas o fato de que, muitos homens são comprados pelos dotes,

Sabeis qual a diferença entre os turcos e os brasileiros?

É a seguinte: os turcos compram suas mulheres, e os brasileiros são comprados por elas, sendo o valor da compra vulgarmente conhecido por dote.¹⁰

O casamento arranjado era muito comum e tinha tudo menos amor e paixão, e o consentimento dos mais velhos era algo muito presente e importante, uma vez que, segundo Del Priore (2005), cabia ao pai decidir e determinar o futuro dos filhos, e muitas das bodas aconteciam sem que os próprios noivos se conhecessem. Segundo a autora, a escolha dos pais era muito focada no medo de que a nora escolhida fosse fora do grupo social em que a família se encontrava, e ela viesse a desestruturar os bens que a família acumulara. Ou até mesmo manchar a sua honra. De acordo com a autora, “A reputação de uma esposa “pura” era de fundamental importância nos jogos de poder.” (DEL PRIORE, 2005, p. 163). Para a autora, entre a elite branca, o casamento era mais um ato social de grande importância.

Para Pereira (2015), casamentos arranjados em muitos dos casos acabavam por resultarem em famílias que mais pareciam ser compostas por um avô, filha e netos do que marido, mulher e filhos. Era comum homens mais velhos acabarem por

¹⁰ Contos do Rio de Janeiro. *Semana Ilustrada*, ano 2, nº13, p. 3, 10 de março 1861.

se casar com moças muito jovens, que mais pareciam suas filhas e em alguns casos até mesmo netas, do que suas esposas.

Como já supracitado, a pureza da noiva era muito importante, e de acordo com Del Priore (2005), a vigilância sobre o futuro casal dependia da posição social da noiva, já que caso pertencesse as camadas mais subalternas, as brincadeiras amorosas e até mesmo o sexo eram tolerados antes do casamento. De acordo com a autora, “No caso dos casamentos dos frequentadores da corte, as negociações entre as famílias exigiam intermediários e contratos estipulando condições de moradia e divisão de propriedade.” (DEL PRIORE, 2005, p. 173).

Além da busca pela formação de uma família e a procriação, que começava assim que a maturidade física se completava, Del Priore (2005) coloca que, a busca por matrimônio para os jovens aconteceria pela urgência de se formar boas alianças econômicas e políticas, acontecia muito de vizinhos ou parentes próximos que possuem terras e prestígio casando seus filhos e unindo as duas famílias.

A aparência contava para o arranjo de um bom casamento, e segundo Del Priore (2005, p. 154), “Até o momento de ir para o altar, jovens tentavam fazer contato e impressionar pelo aspecto. Era a velha fórmula: o que mais se esconde, mais se quer ver.” Eram utilizados todos os tipos de artimanhas, que vinha sendo introduzidos em terras brasileiras importadas da França, para que melhorassem não só a aparência feminina, mas também a masculina, diferentes estilos de roupas, perfumes, essências, escovas, pentes e até mesmo perucas, que não eram mais utilizadas na europa mas que começaram a fazer sucesso no Brasil tardiamente.

A *Semana Illustrada* faz menção em algumas de suas publicações acerca da moda, e segundo Del Priore, não só os bons costumes eram copiados, acerca disso a autora coloca que,

A primeira época do reinado de D. Pedro II, entre 1840 e 1867 até a Guerra do Paraguai, copiava-se tanto os esplendores do Segundo Império francês quanto os maus costumes. Paris dominava o mundo. O Rio de Janeiro contagiava-se por imitação. (DEL PRIORE, 2005, p.137)

A moda vinda dos salões estrangeiros fazia com que os jovens participassem da vida social, como em concertos de piano, porém isso não agradou a todos. De acordo com Del Priore (2005, p.135), “não faltavam os críticos da velha guarda, que viam nesses encontros só os aspectos ridículos, procurando corrigi-los pelo humor.” Eram feitas críticas não só aos encontros, mas também à moda, que também era importada da França, e que, segundo a autora, “apertadas por um verdadeiro cilício

chamado espartilho, os pulmões das mulheres estão oprimidos e não podem dilatar-se, como sua natureza pede.” (DEL PRIORE, 2005, p. 135).

A *Semana Illustrada* faz menção a tais artifícios de beleza, como o espartilho. Na figura 4, podemos ver duas mulheres paradas em frente a uma vitrine que exhibe o que parece ser um espartilho e uma delas comenta que com o uso dele, qualquer uma poderia ficar com um “corpinho delgado e elegante”, porém ela nunca conseguiria. A moda poderia ser um trunfo para que a mulher mostrasse seus melhores atributos pelos salões da sociedade fluminense, porém como pode-se perceber com os comentários da gravura, nem todas estavam dispostas a utilizá-los.



— Por isso é que há por aí tanto corpinho delgado e elegante. Nunca pude usar tais artifícios....

FIGURA 4- Exposição Nacional

- Por isso é que há por aí tanto corpinho delgado e elegante. Nunca pude usar tais artifícios...

Fonte: *Semana Illustrada*, Rio de Janeiro, ano 2, nº 54, p. 5, 22 de dez. 1861.

Mais do que mostrar as elegantes roupas e as mais belas moças que caminhavam pelas ruas do Rio de Janeiro, a *Semana Illustrada* buscava também caricaturar e fazer piadas das mulheres. Segundo Pereira (2015, p.77), junto a

construção das condutas da sociedade fluminense, o periódico ia definindo a posição das mulheres na sociedade e em um misto de repúdio, medo e atração, a *Semana Illustrada* classificava as mulheres em diferentes subgrupos, e em várias definições que se faziam presentes.

Pode-se perceber que o jornal tinha uma imagem construída do que seriam as mulheres em todas as suas fases de vida, para a *Semana Illustrada*,

o coração de uma menina de dez anos era como um caderno em branco, da moça de vinte um livro regular, da mulher de trinta um escrito nas entrelinhas, de uma velha de quarenta anos um livro desfolhado, que serviria apenas como embrulho, e, para finalizar, o coração de uma velha de cinquenta ou mais seria um documento histórico.¹¹

Após realizar seu papel de procriadora, segundo Pereira (2015), as mulheres envelhecem e perdem sua principal função dentro do casamento, a de dar a luz e ser boa mãe. Não mais adequadas para realizar as obrigações que desde muito cedo assumiram, e que eram próprias de seu gênero, como o de encantar e servir e o de procriar, essas mulheres perdiam a centralidade social que um dia ocuparam, e também a sua função biológica de gerar.

Assim que seus filhos estavam criados e elas mais velhas, junto com suas rugas elas também foram atingidas pelo riso do periódico. Acerca disso, Pereira (2015) coloca que,

Litografadas, muitas vezes, na quarta e quinta página da publicação, corpos femininos envelhecidos eram caricaturados com características que remetiam à secura, feiúra e assolamento. Sem mais a exuberância e cândida beleza responsáveis por tornar as reuniões do Clube Fluminense imperdíveis para os cronistas da *Semana*, as senhoras casadas, tias solteiras ou velhas viúvas entravam para a folha pelo viés do ridículo. (PEREIRA, 2015, p. 87)

O periódico colocava essas mulheres mais velhas com características físicas bem realçadas e com traços caricaturais bem pronunciados. Segundo Pereira (2015), a revista tornava seus corpos em sinônimos de terra arrasada, seca e infértil. Era comum contrastar entre as duas mulheres, a mais jovem e a mais velha, em que a jovem se mostrava com uma pele lisa, sem nenhuma ranhura e branca, já a menos jovem se apresentava como uma pele mais escura, ganhando borrões pretos. Para Pereira (2015), essas características buscavam mostrar que essas

¹¹ Definições. *Semana Illustrada*, ano 2, nº 17, p. 7, 7 de abr 1861.

mulheres, de maneira gradual, perdiam seu pertencimento a raça branca, ou seja, sem os vigores físicos, o corpo feminino na imagem tornou-se mais negro, “passando a ter características físicas de uma raça inferior.” (PEREIRA, 2015, p.88)

É essa descrição de “secura” que podemos analisar na figura 5. Temos a versão jovem e cheia de vida, com um futuro maravilhoso pelos salões de festas e um casamento promissor, uma dama jovem, com uma pele lisa, sem nenhuma marca de expressão, cabelos volumosos e cheios, seus braços sem marcas da passagem do tempo. Já do outro lado, temos a mulher mais velha, com marcas de sua idade já avançada em todas as partes de pele visíveis, como seu rosto, colo e braços, seu cabelo, menos cheio e vivaz quando comparado com aquele da moça jovem, o que nos mostra que sua beleza, outrora presente, já não era mais vista.



FIGURA 5- Gêneros alimentícios

Carne seca

Carne verde

Fonte: *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, ano 1, nº 2, p. 8, - jan. 1860.

Por fim, é importante colocar que, a *Semana Ilustrada* buscava, junto as críticas que fazia contra o descaso com a população, suas ruas e diferentes problemas da Capital do Império, flagrar os principais problemas que estavam presentes na sociedade fluminense, e através da sátira, colocar essa sociedade de frente com esses problemas, e, segundo Pereira (2015), fazendo com que rissem de suas próprias fraquezas físicas e insuficiências culturais, mas que também refletissem sobre elas, e quem sabe aos poucos pudessem vir a mudar. Nesse sentido, o periódico focou em personagens que considerava atrasados e estáticos perante o momento de constante progresso em que se encontravam, e para Pereira (2015, p.88), “o riso presente na *Semana Ilustrada* expôs, puniu e também domesticou práticas e corpos”, rumo a esse progresso.

Conclusão

A trajetória da imprensa brasileira se iniciou com a instalação da corte portuguesa em 1808 e a criação da Imprensa Régia. Nos primeiros anos, os periódicos ilustrados não estiveram presentes com notabilidade, isso só mudaria nos anos seguintes e, na década de 1860, se iniciaria um período de grandes publicações, o que mudaria a trajetória da imagem no Brasil. Naquele momento, a imagem vinha para se efetivar como um novo meio de expressão e também um forma diferente de se compartilhar informações, e seria também um produto comercial muito consumido, principalmente na segunda metade do século XIX quando a gravura se torna o caminho para mostrar diferentes espaços da cidade, situações cotidianas e acontecimentos ou fatos que seriam de interesse público.

O uso de jornais para a pesquisa histórica nem sempre foi aceito e foi preciso um longo e difícil percurso para que isso mudasse. A tradição com algumas fontes dificultava a pesquisa em jornais, já que os mesmos não eram considerados fontes de grande confiança. Esse pensamento só começou a se alterar no final do século XX, e nesse percurso, a concepção de o que seria um documento, única fonte confiável para desenvolver uma pesquisa histórica, foi se modificando. Com a nova História Cultural, as diferentes mídias foram introduzidas na pesquisa e o que antes era desacreditado e inadequado passou a ser um elemento presente.

A *Semana Ilustrada* foi um periódico que buscou fazer críticas, de forma direta e indireta, a todos os personagens da sociedade fluminense que se mostraram interessantes para os olhos públicos como as jovens namoradeiras e os maridos e esposas adúlteras, figuras que eram colocados nas páginas publicadas todos aos domingos. A revista nunca deixou de lado seu traço humorístico, as ruas do Rio de Janeiro davam inspirações e novas referências para os textos e caricaturas do periódico e o Dr. Semana sempre tinha um novo fato curioso e escandaloso para colocar em suas páginas.

As mulheres estavam presentes em suas publicações, eram figuras peculiares, às vezes representadas como anjos, figuras puras e castas que não estavam preparadas para este mundo, e às vezes como demônios, prontas para levar o homem para o caminho do mal. Elas se mostravam de diferentes formas, fúteis, que não sabem o valor do dinheiro, interesseiras, pois buscam um casamento

com boas vantagens e perigosas porque “iludem” o homem até que o “pobre coitado” se vê preso em um casamento.¹²

Ser mulher era buscar sempre um bom casamento, já que era através dele, que elas poderiam ter uma vida confortável e encontrar um propósito para suas vidas. Ser mãe era o que elas deveriam almejar, era isso que significava cumprir seu papel e ter sucesso, quando elas não poderiam mais exercer a sua principal função, a de procriar, viravam piada na *Semana Ilustrada*, colocadas como áridas e secas, sem serventia nenhuma, nem mesmo a de entreter em eventos sociais, já que não continham mais aquela beleza jovem que tanto encantava nos salões.

Quando colocadas em suas casas, seguindo o propósito de suas vidas, o de serem esposas e mães, são colocadas sendo mulheres enfadonhas, sem graça alguma. São figuras maternas, que se vestem de forma sóbria com cores escuras e neutras, não se utilizam de acessórios ousados ou de roupas que mostrem muito de seus corpos. Quando esposas, são sinônimo de infelicidade e aborrecimento, nada como as mulheres que seus maridos buscam fora de casa, nos bordéis, mulheres belas, com cabelos ousados e roupas sedutoras, em suma, a representação da felicidade.

Mesmo quando não casam na idade certa e esperada, por variados motivos, como por serem muito namoradeiras, o que, para a *Semana Ilustrada*, tratava-se de moças que eram como “uma rosa; cada namorado arranca-lhe um pétala... de sorte que quando chega a casar-se só tem para oferecer ao marido: os espinhos que ficaram”¹³. Ou seja: casavam-se mais velhas, quase sempre em matrimônios arranjados com maridos interessados em seus dotes ou em seus bens materiais que fossem vantajosos.

Assim, o casamento tão importante e esperado por elas, se tornava uma obrigação que deveria ser cumprida, e muitas dessas esposas também se tornavam trapaceiras, não eram só os homens que cometiam adultério, a *Semana Ilustrada* coloca em suas páginas também mulheres adúlteras, que não levam a sério o valor do matrimônio, que deveria ser importantíssimo para elas. Muitas delas não se

¹² Muitas dessas questões que foram apuradas na pesquisa não entraram neste trabalho. Posteriormente pretende-se continuar com a pesquisa ampliando o seu recorte cronológico e analisando as demais ilustrações.

¹³ Crônica Elegante. *Semana Ilustrada*, ano 2, nº18, p. 7, 14 de abr 1861.

importavam com os votos que foram feitos perante Deus na cerimônia, votos inquebráveis, já que o que Deus uniu, só a morte separaria.

Referências

- ARAÚJO, Maria de Fátima. **Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações**. Psicologia: Ciência e Profissão, 2002.
- BALABAN, Marcelo. **Poeta do lápis: A trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial – São Paulo e Rio de Janeiro – 1864-1888**. (tese de doutorado) Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2005. p.99.
- MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista: Imprensa e práticas culturais em tempo de república**. São Paulo (1890-1922). São Paulo: Imprensa Oficial, 2001, p.78.
- BARBOSA, Marialva Carlos. Escola dos anais. In: CITELLI, Adilson; BERGER, Christa; BACCEGA, Maria Aparecida; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; FRANÇA, Vera Veiga (orgs.). **Dicionário de comunicação: escolas, teorias e autores**. São Paulo: Contexto, 2014, p. 192-200.
- BURKE, Peter. **O que é História Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.
- BURKE, Peter(org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.
- CAMARGO, Ana Maria de Almeida. A imprensa periódica como fonte para a história do Brasil. In: SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, 5., 1969, Campinas. **Anais do V Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História**. Portos, rotas e comércio. São Paulo: FFLCH-USP, 1971, v. 2. p. 239. Respostas às intervenções dos simposistas. Acesso em: 15 de agosto de 2021
- CARVALHO, João Gilberto da Silva; ARRUDA, Angela. Teoria das representações sociais e história: um diálogo necessário. **Paidéia** (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 18, n. 41, p. 445-456, Dec. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2008000300003&lng=en&nrm=iso. Acesso em 11 de maio de 2021
- CELINSKI, Giovana Montes; SKURA, Ivania. Mídia impressa, comunicação e História: breves considerações e aproximações. In: NAVARRO, Luciane Pereira da Silva. **Bibliografia: História da Mídia e da Imprensa**. Ponta Grossa: Atena, 2019. 226 p. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/552844>. Acesso em: 15 set. 2021.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CHARTIER, Roger. A História Cultural: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. _____. O mundo como representação. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173- 191, 1991.
- CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: Conversa sobre História e Imprensa. **Projeto História**, p. 253-270, 2007.
- DEL PRIORE, Mary. **História do Amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005.

- DINIZ, Sávila Barros. **Mulheres na imprensa**: representações femininas no Correio Oficial, Cidade de Goiás (1930-1936). 2013. 181 f. Dissertação (Mestrado em História (FH) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.
- DUARTE, Constância Lima. Imprensa feminina e feminista no Brasil: nos primórdios da emancipação. 2017. **Revista XIX**, 1(4), 95–105. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistaXIX/article/view/21741>. Acesso em: 26 de abr. 2021.
- GOMES, Gisele Ambrósio . História, Mulher e Gênero. **Revista Virtú**, v. 10, p. 1-15, 2010. Disponível em: <https://www.ufjf.br/virtu/files/2011/09/HIST%C3%93RIA-MULHER-E-G%C3%80NERO.pdf> Acessado em: 10 de maio de 2021.
- IPANEMA, Rogéria Moreira de. **Arte da imagem impressa**: A construção da ordem autoral e a gravura no Brasil do século XIX. ICHF/UFF, 2007. (Tese de Doutorado em História).
- LEVY, Maria Stella Ferreira. A escolha do cônjuge. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo , v. 26, n. 1, p. 117-133, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982009000100009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 08 de maio de 2021.
- LOPES, Aristeu Elisandro Machado. **A república e seus símbolos**: a imprensa ilustrada e o ideário republicano. Rio de Janeiro, 1868-1903. 423 f. Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em História. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/23233?show=full> . Acesso em: 05 de maio de 2021
- LUCA, Tania Regina de. Mulher em revista. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.). **Nova História das Mulheres**. São Paulo: Editora Contexto, 2012. p. 463
- MACENHAN, Camila Soares *et al.* A Constituição das Representações dos Sujeitos: Uman Análise com Base em Bourdieu, Chartier e Lefebvre. **Faculdade Sant'Ana em Revista**, Paraná, v. 3, n. 2, p. 170-189, 09 out. 2019. Semestral. Disponível em: <https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/fsr/article/view/1252>. Acesso em: 11 maio 2021.
- MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina (Orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.
- MARTINS, S. ; PRODANOV, C. Identidade e representações: análise fílmica da mulher em A Fita Branca. In: **Revista Intexto**. Porto Alegre, UFRGS, n.32, jan/abr. 2015, p. 64-82.
- MENDES, Fernanda Coelho. **O ideário republicano na Revista Ilustrada (1876-1889)**. 2013. 76 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Habilitação em Jornalismo) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/4021>. Acesso em : 04 de maio de 2021
- MOTA, Moura Isabel. Sátira do cotidiano na capital do Império: As caricaturas de costumes nos primeiros anos da Semana Ilustrada (1860-1864). In: VII Simpósio Nacional de História Cultural, **Anais eletrônicos**. São Paulo: – Usp, 2014. Disponível em: <http://gthistoriacultural.com.br/VIIsimposio/conf-I.php>
- MUNARETTO, Sara Teixeira. **Em cena**: o Sete de Abril e o teatro dos corpos na Pelotas oitocentista. 2015. 162f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/ri/2782> Acesso em: 25 de abr. 2021

- NADER, Maria Beatriz; RANGEL, Livia de Azevedo Silveira. **Mulher e gênero em debate**: representações, poder e ideologia. Vitória: EDUFES, 2014.
- OLIVEIRA, L. S. de. Educação e Religião das mulheres no Brasil do século XIX: conformação e resistência. In: Seminário Internacional Fazendo o Gênero 8: Corpo, Violência e Poder, 2008, Florianópolis. **Anais**. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST27/Lilian_Sarat_de_Oliveira_27.pdf
Acessado em: 05 mai 2021.
- NAVARRO, A Luciane Pereira da Silva. **Bibliografia**: História da Mídia e da Imprensa. Ponta Grossa: Atena, 2019. 226 p. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/552844>. Acesso em: 15 set. 2021.
- PERES, Eliane Teresinha. História e educação: as relações de gênero em Pelotas no final do século XIX e início do século XX. **História da Educação**. ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas (3): 5 – 34, abr. 1998. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4891700.pdf> . Acesso em : 26 de abr. 2021
- PEREIRA, Renan Rivaben. **Semana Ilustrada, o Moleque e o Dr. Semana**: imprensa, cidade e humor no Rio de Janeiro do 2º Reinado. 2015. 188 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/127692>. Acesso em 12 de maio de 2021
- PEREIRA, Milena da Silveira. Palco das letras: um passeio pela Rua do Ouvidor do século XIX. In: XIV Encontro Regional da ANPUH/ Memória e Patrimônio, **Anais eletrônicos**. Rio de Janeiro- UniRio, 2010. Disponível em: http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276728080_ARQUIVO_TE_XTOANPUHRJ2010.pdf Acesso em: 29 set. 2021.
- PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- SANTOS, D. V. C. dos. ACERCA DO CONCEITO DE REPRESENTAÇÃO. **Revista de Teoria da História**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 27–53, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/teoria/article/view/28974>. Acesso em: 13 maio. 2021.
- SANTIAGO, Bruna Oliveira. Imprensa Ilustrada Humorística no Brasil do Século XIX: A Semana Ilustrada (1860-1876). In: História Cultural, Escritas, Circulação, Leitura e Recepções, 7., 2014. **Anais**. São Paulo: Usp, 2014. p. 1-12. Disponível em: <http://gthistoriacultural.com.br/VIIsimposio/conf-B.php>. Acesso em: 20 set. 2021.
- SANTIAGO, Bruna Oliveira. **Humor e artes gráficas**: a representação do negro na revista Semana Ilustrada (1860-1876). 2017. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-26052017-110432/pt-br.php>. Acesso em: 20 set. 2021.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**. Recife: SOS CORPO - Gênero e Cidadania 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667> Acesso em : 06 de maio de 2021.
- SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloísa M. **Brasil**: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- SILVA, Giuslane Francisca. A mulher e família burguesa no Brasil oitocentista. SEMINÁRIO DO ICHS – Humanidades em Contexto: saberes e interpretações. **Anais eletrônicos**. Mato Grosso, v. 7, p. 553-562, 19 jul. 2017. Disponível em:

<https://eventosacademicos.ufmt.br/index.php/seminarioichs/seminarioichs2014/paper/view/1603> . Acesso em: 26 abr. 2021.

SIQUEIRA, Tatiana Lima. Joan Scott e o papel da história na construção das relações de gênero. **Revista Ártemis**, [s. l], v. 8, n. 8, p. 110-118, jun. 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/2857>. Acesso em: 07 maio 2021.

SOIHET, Rachel. História das Mulheres. In: CARDOSO, Ciro F. S. e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História: ensaios da teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 276 e 2

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. **Revista Brasileira de História** . São Paulo, v. 27, n. 54, p. 281-300, Dec. 2007. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000200015&lng=en&nrm=iso . Acesso em: 11 de maio de 2021.

SOUZA, Karen Fernanda Rodrigues de. **As cores do traço: paternalismo, raça e identidade nacional na Semana Ilustrada (1860-1876)**. 2007. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2007. Disponível em:

http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_88a87f569b24a347bef154da5fcdf2e3.

Acesso em: 29 set. 2021.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **As mulheres e a história: uma introdução teórico metodológica**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2012. 144p. Disponível em:

<https://www.locus.ufv.br/handle/123456789/9963>. Acesso em: 25 de out. 2021